

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

CARLA DE ASSUNÇÃO MALCHER

**EPISTEMOLOGIA DA LEI 11.645/2008: CORPO, DANÇA E
DECOLONIALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

MANAUS 2024

CARLA DE ASSUNÇÃO MALCHER

**EPISTEMOLOGIA DA LEI 11.645/2008: CORPO, DANÇA E DECOLONIALIDADE
NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Dança.
Orientador(a): Profa. Dra. Ma. do P. Socorro Nóbrega Ribeiro

MANAUS

2024

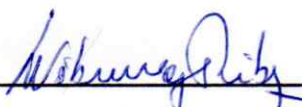
TERMO DE APROVAÇÃO

Carla de Assunção Malcher

EPISTEMOLOGIA DA LEI 11.645/2008: CORPO, DANÇA E DECOLONIALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura pelo curso de Dança, da Escola Superior de Artes
e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, pela seguinte banca
examinadora:

Nota Final: 9.8



Prof. Dr.ª. M.ª. do P. Socorro Nóbrega Ribeiro

Orientador (UEA)



Prof. Dr.ª. Amanda Pinto - UEA

Membro da banca (UEA)



Prof. Me. António Ribeiro da C. Neto – UAB/UEA

Membro da banca (UEA)

Manaus, 21 de Fevereiro de 2024.

Dedico este trabalho a todos e todas que um dia também se retraíram por conta do preconceito, que todas as lutas de nossos antepassados não fiquem escondidas pela arrogância de muitos.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, não somente nesses anos como universitária, mas ao longo da minha vida. Em todos os momentos Ele é o maior mestre que alguém pode ter.

Registro, também, meus agradecimentos:

À Universidade do Estado do Amazonas, aos meus professores e professoras, em especial à minha orientadora Prof.^a Dra. M^a. do P. Socorro Nóbrega Ribeiro por todo o suporte, pelas correções e incentivo.

A meu pai Antônio Carlos Malcher por sempre me apoiar nos meus estudos e me incentivar, aos meus irmãos Ana Malcher, Douglas Malcher por sempre acreditarem em mim.

Aos meus amigos e amigas, em especial Maiara Braga, Gisele Takafaz, Jessyca Carlos e Tainá Ausier, vocês foram de grande importância para que eu chegasse até aqui, minha eterna gratidão.

Ao meu esposo Anderson Mendonça que, por mais difícil que fossem as circunstâncias, sempre confiou em mim e me incentivou a não desistir me dando muito suporte e apoio, a minha filha que mesmo sendo tão pequena foi meu combustível para que eu não desistisse e que no futuro possa se orgulhar de mim .

E agradecer a todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos ou apreensivos, fizeram parte de todo esse processo de formação, por isso agradeço a todos (as) de coração.

RESUMO

O trabalho configura-se como pesquisa qualitativa ao debruçar-se sobre a necessidade de conhecer o currículo de arte do 8º ano enfocando a linguagem do corpo sob a perspectiva da Decolonialidade inscrita na Lei 11.645/2008 e o processo de ensino/aprendizagem de uma escola pública, considerando as vivências culturais relatadas na história africana e afro-brasileira através da Arte/Dança. A referida lei prevê o ensino da história e cultura dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas brasileiros ao decorrer de todo currículo escolar a ser lecionado nas áreas de educação artística, literária e história brasileira. Sendo de caráter exploratório-descritivo a pesquisa foi desenvolvida com sete estudantes a partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas e observação livre. Fundamentada na literatura pertinente além de documentos, leis e diretrizes da educação brasileira cuja sistematização levou a análise de dados, desenvolvida de forma descritiva cujo fim seria expor as características e fenômenos da cultura de uma população singular. No contínuo da pesquisa se verificou que as leis que norteiam os direitos dos povos africanos e afro-brasileiros são descontínuas e fragmentadas no âmbito da Arte/Dança. Os traços característicos, suas aceitações, preconceito e discriminação no espaço escolar, a dança como método de conhecimento partindo do corpo de estudantes sobretudo de pele preta, para compreender a interseção da cultura afro-brasileira no pertencimento no Ensino Fundamental II.

Palavras-chave: arte; dança; cultura afro-brasileira; decolonização; Lei 11.645/

ABSTRACT

This work is a qualitative research project focusing on the need to understand the 8th grade art curriculum, focusing on the language of the body from the perspective of the Decoloniality subscribed to in Law *11.645/2008* and the teaching/learning process in a public school, considering the cultural experiences related to African and Afro-Brazilian history through art/dance. This law provides for the teaching of the history and culture of African, Afro-Brazilian and indigenous Brazilian peoples throughout the school curriculum to be taught in the areas of art education, literature and Brazilian history. This exploratory-descriptive study was carried out with seven students using semi-structured interviews and free observation. It was based on pertinent literature, as well as documents, laws and guidelines on Brazilian education, the systematization of which led to data analysis, developed in a descriptive manner, the aim of which was to expose the characteristics and phenomena of the culture of a singular population. In the course of the research, it emerged that the laws that guide the rights of African and Afro-Brazilian peoples are discontinuous and fragmented in the field of art/dance. The characteristic traits, their acceptance, prejudice and discrimination in the school environment, dance as a method of knowledge based on the bodies of students, especially those with black skin, in order to understand the intersection of Afro-Brazilian culture and the practice of belonging in school.

Keywords: art; dance; Afro-Brazilian culture; decolonization; Law 11.645/08.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN de Artes – Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental - Arte

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Redução aos Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional n° 9.394/1996

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 ESTRUTURA CURRICULAR E DEMARCAÇÃO DE ARTE/DANÇA	12
1.1.1 Legislação e Currículo no Ensino Fundamental Anos Finais	12
1.2 O HIATO ARTE/DANÇA	15
1.2.1 Teorizando a categoria Arte	15
1.2.2 Conceituando dança	16
1.2.3 A dialética do hiato entre dança e Arte	17
1.3 LINGUAGEM DO CORPO NA PERSPECTIVA DA DECOLONIALIDADE	18
1.3.1 Decolonialidade e esquadramento da lei 11.645/2008	20
1.3.2 Corpo preto em movimento e decolonialidade como sinônimo de liberdade	23
1.4 CORPO, ARTE E LINGUAGEM DA DANÇA NA ESCOLA	26
2 PROCESSO METODOLÓGICO	32
2.1 Delineamento da Pesquisa	32
2.2 Campo e Sujeito	33
2.3 Instrumentos Coleta de Dados	33
3 SISTEMATIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	34
3.1 INTERLOCUTORES DA PESQUISA	34
3.2 ANÁLISE DOCUMENTAL CURRICULAR	35
3.3 SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR	36
3.4 O CONHECIMENTO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DA DANÇA E CORPO SOB A PERSPECTIVA DO ALUNO	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	56

INTRODUÇÃO

A guisa de informação da estrutura do projeto segue orientações teóricas e metodológicas que fundamentam o tema e apontam métodos exequíveis a partir das seguintes diretrizes: A Linha do projeto se adequa a Sociedade, Cultura, Educação na Dança e Aspectos Socioantropológicos do Corpo. O tema trata da Lei 11.645 e a Decolonialidade explicitada no Currículo Escolar sob o enfoque da Arte/Dança e a Decolonialidade da educação básica subscrita na referida Lei.

Na formulação do problema enfatizamos a violência que permeia a sociedade contemporânea e o preconceito velado que robustece as diferenças entre o ‘eu’ e o ‘outro’ negando o ‘nós’. Ainda resiste o estigma sobre o modo de ser e fazer de determinadas sociedades, entre elas a preta e a indígena. Seus saberes, hábitos e herança cultural, muitas vezes valorizados pelo poder midiático, não corresponde à postura imposta sobre eles, pelo poder hegemônico que os impede de se ver como iguais.

Ainda perdura a negação da identidade de uma parcela do povo brasileiro a mais de cinco séculos, embora as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 expressem a necessidade de trabalhar os processos históricos e culturais na educação formal sobre os povos afro-brasileira e indígenas. Diante de um olhar mais agudo vê-se preconceito, discriminação e estigmas, adjetivos comuns que circundam o chão da escola - lócus do saber. Sendo este espaço gerido por projetos e planos pedagógicos firmados em leis, cujo fundamento didático-pedagógico deve primar pela inserção da temática na Educação Básica.

A escola deve assegurar o direito do estudante de interagir com diferentes manifestações artísticas e culturais, de diferentes épocas e contextos. Essas interações devem ocorrer nos diferentes espaços da escola, espraiando-se para o entorno em favor das relações interpessoais. Das lacunas existentes emerge a questão a ser investigada: como o currículo de Arte do 8º ano trabalha a linguagem do corpo e expressa a *Decolonialidade* subscrito na Lei 11.645?

Diante do questionamento, a pesquisa visou conhecer o currículo de Arte do 8º ano enfocando a linguagem do corpo sob a perspectiva da *Decolonialidade* subscrita na Lei 11.645. Desta forma, estabelecemos como objetivos específicos: a) pontuar o conteúdo curricular de Arte/Dança; b) observar as práticas corporais protagonizadas pelo grupo de estudantes de pele preta; c) associar a linguagem do corpo sob a perspectiva da *decolonialidade*.

A relevância da pesquisa: quando falamos em “*decolonialidade* da educação” nos referimos a uma educação intercultural, abrangente e igualitária, uma educação solidária onde todos se vejam iguais além de entender o “pertencimento”.

O movimento *decolonial* surgiu de um grupo de intelectuais latino-americanos sobre o contexto histórico, social e político da América Latina. A ascensão da modernidade assombrou o conhecimento dos povos explorados e contribuiu para a manutenção das relações coloniais. O conceito de uma “era pós-colonial”, desprovida de relações de poder é um mito eurocêntrico para se encarar a descolonização como prática irrelevante.

O tema *decolonialidade* deriva da ação *decolonizadora* que ainda se mostra incipiente nos debates acadêmicos. A inclusão da cultura e da história dos povos africanos e afro-brasileiros ocorreu, em sua primeira versão em 2003 e posteriormente em 2008, após intensos debates provocados pelos movimentos sociais liderados por indivíduos de cor preta. Conquanto a lei vigore a mais de 13 anos, pouco foi feito para sua formação. Debater a Lei 11.645 no espaço escolar resultaria na aceitação do outro independente de credo, língua ou cor e poria em evidência a ancestralidade e a historicidade do indivíduo, colocando-o no lugar de direito. Geralmente o debate é da competência dos professores de História e Geografia, todavia a Lei concede aos professores de Arte e literatura o direito de atuar neste campo.

A pesquisa está dividida em três capítulos: O primeiro trata do referencial teórico com quatro subitens. No primeiro dissertamos sobre Estrutura curricular e demarcação de Arte e dança. O segundo subitem descreve O hiato Arte/Dança, o terceiro Linguagem do corpo na perspectiva da *decolonialidade* e no quarto Corpo, Arte e linguagem da Dança na escola. O trabalho está embasado em livros, artigos de revistas científicas, além da lei supracitada e documentos que expõem conteúdos curriculares e definições de Arte/Dança.

No segundo capítulo está descrito o caminho metodológico percorrido de acordo com os objetivos específicos, na companhia dos metodólogos e sujeitos da pesquisa com quem estabelecemos diálogo utilizando técnicas que respondessem às questões a serem explicitadas. O terceiro capítulo estabelece a análise de dados de forma descritiva especificando a visão metodológica mais aproximativa para se chegar à síntese da investigação, recomendada por diferentes teóricos.

Logo em seguida constam as considerações finais ressaltando as contribuições do ponto de vista científico que este trabalho possibilitará para novos estudos relacionados a esta temática, na qual corrobora para luta sobre questões importantes para aqueles que um dia se esconderam ou se escondem por conta do preconceito sob cor de suas peles, pois a necessidades desse processo de acordo com os dados levantados ainda devem minuciosamente debatidos. Por fim referências utilizadas em todas as fases da pesquisa e apêndices.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 ESTRUTURA CURRICULAR E DEMARCAÇÕES DE ARTE/DANÇA

A estrutura do currículo escolar deve abranger a Arte e a linguagem da dança como conteúdo obrigatória do 8º ano, como define a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, os PCN de Arte (1998), PCN 1998 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2019).

A estrutura do currículo de Arte da BNCC está centrada nas seguintes linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. As linguagens artísticas são consideradas nas suas especificidades, mas entende-se, também, que as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma estanque ou compartimentada. Portanto a Arte/Dança está circunscrita ao processo de ensino e aprendizagem e independe de raça, credo ou cultura.

1.1.1 Legislação e Currículo no Ensino Fundamental Anos Finais

O processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar empenha-se na construção de uma sociedade consistente. Para entender como a Arte/Dança pode ser usada como método de ensino, delinearemos inicialmente a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional nº 9.394/1996 (LDB) em que se faz obrigatório o ensino de forma gratuita para sociedade brasileira.

Deste modo, também orienta e define as funções de cada ente federativo para atender a comunidade escolar de acordo com a especificidade de cada região brasileira, também se faz obrigatório a abordagem das contribuições culturais e étnicas de diversos povos para construção da sociedade brasileira.

As leituras indicam que a Arte/Dança ganhou relevância recentemente como área de conhecimento nas instituições de educação de acordo com a Lei 9.394/96, em seu Art. 26, parágrafo 2 que sofreu sua última alteração em 2017, estabelecendo que o ensino da Arte se constituirá como componente obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos; a lei garante um espaço para a Arte na escola, como já era estabelecido em 1971 com a inclusão da Educação Artística. Continuando no Art. 26, o parágrafo 6 que teve sua última alteração em 2016, delineia quais linguagens irão compor o componente curricular de Arte, são elas: Artes Visuais, Música, Dança e Teatro.

Logo temos a BNCC empregada como norteamento nacional para estados e municípios possam formular suas propostas pedagógicas para instituições de ensino, assim também auxiliando na construção de políticas e ações na formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e oferta de infraestrutura adequada para o desenvolvimento da educação, para formação na Educação Básica durante a Educação infantil, Ensino Fundamental anos iniciais, Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio

Para o recente documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017), o Ensino Fundamental - Anos Finais, define que a Arte deve ter o aprofundamento necessário para os estudantes desenvolverem aptidões e aprendizagem das diferentes linguagens da Arte, assim também como haver a relação deles com as manifestações artísticas e culturais tanto no âmbito nacional quanto internacional. A forma de abordar as linguagens que compõem o componente de Arte propõe experiências amplas que possam ser vivenciadas por estudantes no processo de construção do seu saber cultural.

Apesar do descrito acima, referente a Lei 11.645/2008 a BNCC em seu itinerário deixa explícito que se deve abordar sobre a cultura afro-brasileira e indígena em Arte, Literatura e História, porém nas especificações relacionada a competência de cada uma dessas áreas de conhecimento, apenas História está explícito a abordagem da cultura afro-brasileira, já referente às competências específicas de Arte está descrito apenas exploração, conhecimento, desfrute e analisar crítica de práticas e produções artísticas e culturais nos arredores social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, não deixando claro sobre a cultura afro-brasileira.

No que concerne ao PCN de Arte (1998), este tem como função auxiliar o profissional da educação durante a formação dos estudantes com base nas diferentes linguagens da Arte: Música, Dança, Teatro, Artes plásticas e acrescenta as Artes integradas também como linguagem do componente curricular.

Posteriormente insere-se como conteúdo obrigatório da área de Arte apresentado nos referenciais e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, elaborados pelo Ministério da Educação. O Parâmetro aponta que a legislação educacional afirma a importância da Arte para o desenvolvimento das crianças e jovens tornando-a componente obrigatório (Brasil, 1998 p. 19). Tal descrição distingue a importância de trabalhar o corpo como parte fundamental no espaço da escola cujo desenvolvimento e entendimento de sua capacidade de criação norteia a construção de sua personalidade e favorece suas vivências relacionadas consigo e com a escola. Somente assim,

{...} a escola pode desempenhar papel importante na educação dos corpos e do processo interpretativo e criativo de dança, pois dará aos alunos subsídios para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e, se for o caso, transformar as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade. Nos terceiro e quarto ciclos, essa função da escola torna-se ainda mais relevante, pois os alunos já começam a mais claramente tomar consciência de seus corpos e das diversas histórias, emoções, sonhos e projetos de vida que neles estão presentes. (Brasil/ 1998, P. 70 e 71)

O PCN de Arte recomenda que o professor(a) deve tornar o estudante aliado das formas artísticas de diversas perspectivas de conhecimento instigando a curiosidade, desafios e a aceitação dos saberes relacionados ao seu cotidiano. Este abre possibilidades para trabalhar diferentes conteúdos no ensino fundamental anos iniciais e anos finais, podendo o professor aproveitar o seu campo em ação para falar sobre questões que agregam a Arte. Para a construção do fazer arte na escola o Parâmetro aponta:

{...} aspectos essenciais da criação e percepção estética dos alunos e o modo de tratar a apropriação de conteúdos imprescindíveis para a cultura do cidadão contemporâneo. As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior. (PCN de Arte, 1998 p. 19)

Portanto, professores do componente curricular de Arte/Dança têm clareza daquilo que pode ser trabalho no ambiente de sala de aula, podendo desfrutar de um leque de informações que vão além do livro didático. Há destaque na abordagem de temas relacionados à cultura afro-brasileira por meio da Arte/Dança, capaz de instigar debates no âmbito escolar, reforçando a comunicação e expressividade do estudante.

Sendo a escola, local de aprendizagem onde ocorrem inter-relações democráticas que garantem a igualdade, do ponto de vista da cidadania, e ao mesmo tempo da diversidade, como direito, onde a Pluralidade Cultural ocorre a cada instante PCN de 1998 aponta:

{...} propiciando que a escola coopere na formação e consolidação de uma cultura da paz, baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos universais e da cidadania compartilhada por todos os brasileiros. Esse aprendizado exige, sobretudo, a vivência desses princípios democráticos no interior de cada escola, no trabalho cotidiano de buscar a superação de todo e qualquer tipo de discriminação e exclusão social, valorizando cada indivíduo e todos os grupos que compõem a sociedade brasileira. (PCN, p. 69, 1998)

De acordo com Pinto (2015) os PCNs oferecem subsídios que auxiliam o professor em sala de aula a definir a forma de trabalhar Arte como tema que transversalizar conteúdos e reforça a urgência da formação continuada como prerrogativa para trabalhar a adequação às novas demandas e modalidades do ensino, além de incentivar a participação ativa da comunidade nas ações escolares. Os Parâmetros permitem abordagens de temas que contribuem

para a construção política e educacional da sociedade a partir das práticas vivenciadas na escola e fora dela.

1.2 O HIATO ARTE/DANÇA

Para entendermos este tópico, a definição do Hiato Arte/Dança, seria o significado de hiato na gramática como duas vogais juntas na mesma palavra mais que se divide ao formarmos sílabas, assim, a perspectiva do hiato Arte/Dança, representaria como sendo as vogais que mesmo separadas em sílabas elas formam uma só palavra ou categoria, pois dialogam juntas. Vejamos a seguir as categorias, em separado como se fossem sílabas abordando e dando destaque e sentido ao que ensinamos que é trabalhar Arte/Dança.

1.2.1 Teorizando a categoria arte

Indagamos sempre, o que é arte? Palavra de origem latina, significa técnica, habilidade natural ou adquirida, maneira de ser ou agir. Segundo o dicionário Houaiss, arte é a produção consciente de obras, formas ou objetos, voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para expressão da subjetividade humana. A arte pode ser entendida como a atividade humana ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada por meio de uma grande variedade de linguagens, tais como: arquitetura, desenho, escultura, escrita, música, dança, teatro e cinema, em suas variadas combinações (Mesquita 2022).

A arte está no nosso dia a dia, desde as roupas que usamos até o penteado que escolhemos, pois é sempre algo que foi criado por alguém, e que do ponto de vista humano podemos dizer que tudo é arte. A arte é a palavra que nos cerca desde os primeiros registros da civilização humana e é o artifício que nos faz entender a história dos nossos antepassados, pois a criação de utensílios facilitava a sua sobrevivência e também a sobrevivência de outras gerações. A arte rupestre tem evidenciado a existência de civilizações das mais distintas. Como afirma Proença:

Muitos objetos expostos em museus ou que fazem parte da nossa vida diária tem uma utilidade evidente: basta velos para logo sabermos para que serve: outros, por serem mais complexos, exigem que alguém mais informado nos explique seu funcionamento e sua finalidade. Contudo, o ser humano também produz coisas que , apesar de não terem uma utilidade imediata, sempre estiveram presente em sua vida. É a respeito delas que nos perguntamos por que e para que foram feitas. (Proença, 2021, p. 6)

Acerca da questão podemos afirmar que a criação de algo que seja um mecanismo útil para sobrevivência humana ou criações que transfiram sentimentos próprios, ambas estão

mergulhadas na percepção que o homem tem do mundo e o que representa para si de acordo com a forma que vai se moldando em prol da sua existência. Tendo em vista que os seres humanos têm facilidade de expor o momento vivido que retrata um mundo temporal, e essas muitas informações representam a história dos nossos antepassados há milhares de anos e são representações culturais da arte feita em determinada época, visto que para Proença:

{...} o homem cria objetos não apenas para se servir utilitariamente deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida e, mais ainda, para expressar sua visão do momento histórico em que vive. Essas criações constituem as obras de arte e também contam - talvez de forma muito mais fiel – a história dos homens ao longo dos séculos. (Proença, 2021, p. 7)

Outrossim, a arte ao longo do tempo transpassa o campo das informações cabais devido ao seu dinamismo, pois historicamente a arqueologia reescreve mentindo-a viva e dinâmica. Na história é uma forma que dialoga com informações do passado trazendo-a para o presente, deste modo torna-se um método de ensino/aprendizagem atual.

O diálogo estabelecido na escola lança luzes sobre a Arte para que conheçamos não somente a cultura de um povo, mas compreender certas inquietações e sentimentos, pois segundo Ribeiro Alves (2016) é uma área de conhecimento que abre um leque de informações e formas diversas de expressões, tornando-se fundamental para entendermos nossa identidade.

A legislação brasileira atual trouxe a Arte para o patamar de onde nunca deveria ter saído e a tornou área de conhecimento sendo obrigatório a sua aplicação no âmbito da Matriz Curricular da Educação Básica, ou seja, da Educação Infantil ao Ensino Médio (BNCC, 2019). Para os PCN de Arte (1998) a arte é importante na formação e desenvolvimento das crianças e jovens, visando que os estudantes tenham formação artística e que esta contribua para o desenvolvimento intelectual, psicológico e educacional, sendo estes parte essencial da sociedade.

1.2.2 Conceituando dança

A dança é uma linguagem e um dos segmentos da arte mais antigos, vem desde os tempos primitivos, cujos relatos da existência migram de desenhos rupestres que simbolizavam à dança aos escritos das sociedades egípcia e grega, usados para cultuar seus deuses. O Velho Testamento, escrito entre os anos 1000 e 500 a. C, descreve fatos e acontecimentos relacionados

à dança como está no Salmos 150:4 “Louvai ao senhor com danças”, ou ainda no livro de 2 Samuel 6:14 “[...] Davi começou a dançar com muita alegria, diante do Senhor”.

Desta forma abordamos a dança como uma arte que perpassa gerações e que se aperfeiçoa conforme vai passando o tempo, expressando o diálogo da mente e corpo por meio de movimentos. As civilizações antigas e modernas apresentam marcos que delineiam suas danças e hoje estas ilustram as diferentes fases da humanidade, entretanto na sociedade contemporânea existem infinitas técnicas que trazem consigo determinado processo histórico que situa o homem da era pós-moderna.

No atual século, a dança tornou-se uma base de conhecimento podendo dialogar com a vivência e a inquietação dos estudantes na escola em todas as áreas do conhecimento. Ao inserir a dança como uma das linguagens artísticas, o PCN de Arte (1998) suscita, a priori, um questionamento sobre o corpo que dança na escola e a dança para abordar temas “difíceis” como equidade, discriminação e exclusão de forma clara e concreta.

O mesmo documento afirma que a escola pode encarregar-se de desenvolver a educação do estudante utilizando a expressividade do corpo levando-o à descoberta e até transpor a relação desse corpo ante a sociedade. Ao pensarmos o porquê da dança mesmo estando como área de conhecimento específica no currículo escolar, ainda é praticada como um entretenimento, na falta de profissionais para ministrar conteúdos adequados utiliza-se de profissionais de inúmeras áreas e a dança se torna divertimento ou brincadeira.

Para Pinto (2015) a falta de entendimento sobre a essência criadora da dança na escola atualmente, ainda é recorrente devido à ausência de leituras e debates por parte das instituições escolares, a carência de empenho e vivência para colocar em prática as definições de arte para a Educação Básica, isso reflete que não há empenho por parte das políticas públicas estaduais ou municipais para a oferecer concursos destinados aos professores licenciados em dança o que resulta em profissionais desassistidos e ensino vulnerável.

1.2.3 A Dialética do Hiato entre Dança e Arte

Retomamos a definição descrita no início deste tópico sobre arte e dança, por mas que sejam distintas, ao unirmos as categorias, podemos afirmar que há um imbricamento que as torna *una*, ou seja, fazer dança é fazer arte, e fazer arte é fazer dança, existe um plasma no que diz respeito às inquietações do fazer dança a partir do contar ou descrever uma história, do dialogar ou ouvir sobre ações ou sentimentos, do risco ou rabisco, tudo concorre para o surgimento da arte e do movimento.

Ambas se unem para que a sociedade possa entender visualmente o seu caminho, assim o ambiente escolar poderá antever que tem como principal função e embarcar nessa imersão que é a Arte/Dança, para que os estudantes consigam ter uma compreensão e sejam propagadores artísticos para as próximas gerações. Para Marques, precisamos estar:

Atentos ao fato de que a escola deve dialogar com a sociedade em transformação, ela é um lugar privilegiado para que o ensino de dança se processe com qualidade, compromisso e responsabilidade. As relações que se processam entre corpo, dança e sociedade são fundamentais para a compreensão e eventual transformação da realidade social. (Marques, 2012, p. 05)

Assim sendo, ainda existe uma lacuna entre o processo de ensino e aprendizagem relacionado a Arte/Dança nas escolas por mais que existam leis que destaquem a obrigatoriedade do ensino da Arte como componente curricular indispensável e a dança como linguagem, os atuais currículos ainda são falhos como constatamos durante as experiências de estágio obrigatório. Ainda persiste a dificuldade do desenvolvimento prático da Arte/Dança nas instituições de ensino.

O que dificulta o entendimento dos estudantes sobre o que é Arte/Dança e como podem usar para o diálogo, é a falta de professores competentes e hábeis na área ou falta de espaço e tempo para tal prática. Por outro lado, os gestores se veem fragilizados diante das políticas públicas que, na maioria das vezes, são levadas a admitir a influência partidária na formação do quadro de professores. Esta ingerência produz profissionais fazedores de arte por outros caminhos que distanciam da profissão que dialoga com a criação da mente humana, que vem de muito séculos sobre a Arte/Dança ou outras linguagens da Arte.

1.3 LINGUAGEM DO CORPO NA PERSPECTIVA DA DECOLONIALIDADE

Para indagarmos sobre a *decolonialidade* precisamos entender a colonialidade do poder que é a classificação social da população mundial ancorada na noção de raça, originária do caráter colonial, evidentemente o inverso da *decolonialidade*. Entretanto, observamos ser mais duradoura e estável do que o colonialismo histórico, em cuja matriz foi estabelecida.

Segundo Silva (2019) o discurso colonial vê o corpo colonizado como corpo destituído de vontade, de subjetividade, pronto para servir e destituído de voz. Para a autora, corpos pretos escravizados foram entendidos como destituídos de alma, reduzidos à objetificação e à subalternização. Enfatizo esse processo em que:

Neste sentido, o presente tem como decolonial na perspectiva da reconstrução das nações africanas no âmbito da aquisição da consciência política de sua autonomia sociocultural de campo epistêmico legitimamente constituído, bem como identificar e explicar conceitos necessários para pensar a decolonialidade no interior de uma construção gnosiológica da emancipação dos povos africanos. (Reis & Andrade, 2018 p. 2)

Sendo assim, a *descolonização* é a forma em que o corpo preto seja ele em solo africano ou não, tenta se desprender da colonização realizada pelo povo europeu e ocidental, procura restituir e sua crença religiosa, tenta entender suas raízes, se apropria novamente até mesmo da moda em seus vários segmentos, que aparentemente parece algo sem nenhuma importância, mas que se pararmos para pensar, até mesmo esse “algo” simples lhes foram tiradas.

Além disso, o termo *decolonizar* nos remete a entender a ganância do capitalismo enraizado na raça humana e a grande predominância de poder eurocêntrico e ocidental, em que buscavam e buscam até os dias de hoje o poder de se autodeclarar potência mundial e que a fórmula obtida para chegar nesse tal patamar foi por meio do sofrimento e humilhação de outros povos.

Parafraseando Haesbaert (2021) sobre o sistema capitalista, podemos comparar, metaforicamente os ‘pecados originais’ do sistema capitalista moderno colonial como sendo a exploração econômica privatista e a mercantilização crescentemente universalizadas, a opressão político-cultural (ou racista) de um modelo civilizatório padronizado e a expropriação da vida e da natureza, em sentido amplo, em toda a sua etno e biodiversidade. Poderemos afirmar que descolonizar é, na exercitação, um processo contínuo de resistência que acompanha, em diferentes níveis e escalas, toda a história do capitalismo.

Pois, foi desse modo capitalista que surgiu esse processo de escravaria, corpos pretos tiveram seu direito à liberdade negado pelo enriquecimento de determinados países ou sociedades. A dificuldade desse corpo ser visto, até mesmo atualmente, ainda é grande. A servidão ainda reina como principal fator, o que em minha percepção atualmente ainda existe uma parcela da população que se incomoda pelo fato de a pessoa preta se empoderar e entender seu lugar de fala e suas raízes.

Entender que dentro dessa sociedade há uma parcela que querendo ou não foi “obrigada” a ser miscigenada, hoje existem pessoas que estão dispostas a entender e desvendar o lugar de origem de seus antepassados, e que surgirão debates em prol desse fator.

Parte desse processo é entender que querendo ou não o próprio capitalismo que vivemos hoje tem essa parcela de culpa sobre o sofrimento de diversas pessoas no passado, e que apesar de todo debate ainda existem pessoas dentro da sociedade que visualiza o corpo preto dentro

de: “Narrativas sobre corpos disformes, inúteis e substituíveis, mentes vazias de saber e de imaginação, ausência de alma [...], mas esses corpos e mentes eram a essência e a possibilidade da modernidade, e, por isso, sua exploração constituía a razão colonial em si” (Castro, 2018).

Assim sendo, podemos aprofundar o entendimento sobre esse corpo que procura a origem de sua ancestralidade que lhe foi cortado brutalmente, foi privado de fazer suas escolhas, e o que tem de melhor, que é o orgulho de sua cor. A outra parcela da sociedade preta que contrapõe todo esse discurso de que preto só serve para servidão e que não são pessoas inteligentes o suficiente para debater, conquistar e se opor ao que não lhe dá dignidade.

Potencializando o discurso de que o corpo preto pode estar no lugar onde quiser e que tem o direito de estar, a *decolonização* nos faz querer entender esse lugar de pertencimento. No livro de GOMES (2018) ele aborda sobre uma pesquisa em 2013 de um grupo de 150 afrodescendente brasileiros que poderão fazer testes genéticos para descobrir de quais povos africanos seus antepassados tinham origem e que também fez parte de um documentário chamado Brasil: DNA da África, o qual pude assistir, em seu texto também cita o nome e profissão de algumas dessas pessoas.

O que nos faz refletir o quanto é importante essa busca por pertencimento, essa busca por entender a ancestralidade do povo de pele preta, e também entender que a cor da pele não é motivo de vergonha para nenhuma raça, seja de pele preta, vermelha, branca ou amarela. A raça negra traz em suas raízes a história do povo brasileiro descrita em prosa e versos por grandes e ilustres literatos brasileiros como Osvaldo de Camargo, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo entre outros. Estes não foram escravos e galgaram lugares de destaque assim como Eduardo Ribeiro primeiro governador negro no norte brasileiro, governou entre 1890-1891 e 1892-1896.

A lei 11.645 (2008), surge tardiamente dialogando com o preconceito reprimindo e dividindo a sociedade historicamente constituída entre favorecidos e desfavorecidos entrelaçados ao sofrimento, a dor, humilhação e a vergonha. As mudanças resultantes da referida lei são lentas e minúsculas o que desfavorece o processo de aceitação e altivez de pessoas que se autodeclaram PRETO como no documentário citado anteriormente, estamos caminhando a passos na direção dos sinais de *decolonização*.

1.3.1 Decolonialidade e esquadramento da lei 11.645/2008

Para esquadrihar a Lei 11.645/2008, devemos entender de que maneira e onde se encaixa o corpo que carrega a cultura de um povo. A cultura, metaforicamente, corresponde a

uma sociedade que se organiza com costumes próprios da música, culinária, festas, crenças etc. Segundo Santos (2009) a cultura está arraigada na humanidade, todavia, está dividida em várias sociedades que se organizam conforme a apraz, portanto, a humanidade é única, mas diversa.

A cultura de um povo por menor que seja, apresenta singularidades com características próprias, contudo une os diferentes povos. O corpo que compõe essa sociedade, carrega a ancestralmente ações vividas que foram repassadas de gerações em gerações, e robustece a ligação à cultura. Para Santos (2009) discernir a cultura auxilia no enfrentamento das diferenças suprimindo o preconceito e a discriminação. “A cultura possui caráter transversal, pois perpassa diferentes campos da vida cotidiana. Além disso, o termo é utilizado em áreas multidisciplinares de conhecimento, o que amplia o leque de possibilidades de compreensão da cultura (Canedo, 2009, p. 8).

Ao nos referirmos à Lei 11.645/08, não podemos deixar de citar a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que continha a abordagem da história e da cultura afro-brasileira. Nos conteúdos constava a luta dos “negro” no Brasil e o papel do negro na formação da sociedade nacional, e a contribuição desse povo para com a sociedade, a economia e a política do Brasil.

Junto a isso também dizia quais seriam as áreas por disciplinas que poderiam ministrar no âmbito escolar, o que preconizava a Lei: Educação artística, Literatura e História do Brasil. A Lei 11.645 de 10 de março de 2008 a substituiu, com prerrogativa de que não seria apenas abordado nos conteúdos curriculares da Educação Básica a história africana e a cultura afro-brasileira, mas também a indígena.

O conteúdo programático muda e afirma que no âmbito escolar, seria obrigatório inserir nos conteúdos sobre diversidade, história e culturas que contribuíram para a formação brasileira nos grupos étnicos como descrito no Art. 26 — A, inciso primeiro “... dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e a contribuição do negro e indígena na formação da sociedade nacional” (Brasil, 2008, [s.p.]).

Sendo assim, reafirma-se que o ambiente escolar é espaço transformador, onde a construção de nossas memórias que são acessadas ao longo de nossas vidas estão sendo construídas, além da construção das formas que estaremos vivenciando e incluídos a sociedade por um todo, para Goularte & Melo:

Consideramos que a escola é um dos principais espaços para refletir, ensinar e aprender sobre as diferentes raças que formam a variedade de culturas de norte a sul do país. É a música, a dança, a culinária, a fala, a literatura, a forma de se vestir, os costumes e tantos outros aspectos que tornam esse povo tão diverso. (Goularte & Melo, 2013, p. 35)

Desta forma, o acesso a informações culturais dos povos que contribuíram para formação da sociedade brasileira, tantos os indígenas quanto os africanos, ocasionam desde cedo os primeiros atos de pertencimento. Para Marques, Sá e Souza (2015) a partir do reconhecimento sociocultural do povo africano imigrante, é que se constituiu a história de origem e a identidade cultural dos povos afro-brasileiros, podendo compreender o contexto que plasmou o povo preto no Brasil. Implementar a Lei 11.645/2008 potencializará a fala, história e cultura, reprimidas por séculos e aparelhar a sociedade quanto ao respeito e ao tratamento igual para todos.

Com base no exposto afirmamos que, embora a lei estabeleça a obrigatoriedade, no âmbito escolar trabalhar história e cultura relativas aos povos mencionados, a ordenança da lei não sai do papel, ou ainda, os currículos estão sendo construídos, como se vê em diversas instituições de ensino constatadas no decorrer do curso de licenciatura em dança. Se há, a ênfase dada ao tema é irrisória, não denota a grandeza do conteúdo.

Retomamos o povo da pele preta, para falar do corpo que lutou e luta até hoje por igualdade, um povo que não se limita aos sofrimentos, mas olha além, pois acredita que falar da história, é falar de substratos da cultura de lutas dos seus ancestrais, herdada pela sociedade brasileira. Enfrentar as vicissitudes da vida potencializou uma de suas metas que é de extirpar o preconceito sobre a cor de uma pele e a cultura.

Disseminar ideias que levem professores e estudantes a compreender a necessidade de *decolonizar* o ensino e fazer valer o conhecimento natural do homem brasileiro a partir de debates no ambiente de sala de aula, é ressignificar valores herdados de nossos antepassados e retomar hábitos cotidianos tragados pela colonização.

Ao entrar em vigor a Lei 11.645/2008 se põe em práticas oportunidades de mudanças que anteviam alternâncias estruturais na educação e nas relações sociais, permitindo que o estudante de pele preta se reconhece como tal sem passar por processos dolorosos estimulados por uma sociedade presa a pensamentos e atitudes preconceituosas.

Para que uma mudança ocorra, ou seja, para alcançar "... o sentimento de pertencimento é preciso um exercício intelectual que o leve a explorar sua história e suas potencialidades, e isso se passa pelo processo de aprendizado da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira, e o descobrimento de suas raízes étnicas e raciais" (Marques, Sá, Souza, 2015, p. 6).

Fazer essa relação da citada lei com a dança, nos levaria a pensar quais danças falariam de um contexto típico de um povo. Para Strazzacappa (2001) a dança apesar de ter várias vertentes, não importa qual seria elaborada na escola, mas sim a forma de trabalhar elementos

de grande relevância para o desenvolvimento dos referidos estudantes, deste modo Rego aborda:

Pensar enquanto povo subalternizado, sobretudo as populações latino-americanas e africanas, que foram e são historicamente silenciadas em toda a sua estrutura social, é romper e desafiar discursos e estratégias que desqualificam e apontam carências no lugar de possibilidades, fragmentação no lugar de ajuntamento. É perceber ainda que os saberes da rua e dos povos tradicionais podem e devem sim ser levados em consideração nesse processo, de forma a entrar no currículo das escolas. Por sua vez, a academia deve tornar-se definitivamente um amplo espaço e palco para esse debate, concatenando, diria eu, epistemes-outras, de forma a desvelar pouco a pouco o histórico de preconceitos e estereótipos e demais violências físicas e simbólicas que nossa ancestralidade oprimida experimentou. (Rego, 2020, p. 15 e 16)

Deste modo concluímos que a lei nos viabiliza como futuros professores de Arte/Dança a olharmos para esse corpo e nos pergunta quais formas de diálogos podemos e de que maneira esse diálogo se faz presente a cultura africana e afro-brasileira, como dito é por meio da dança que podemos abordar temas que não falam apenas da dor, mas também de algo que traga relevância, da aparência, das vestes, do empoderamento da pele e do cabelo da pessoa preta. Ao abordarmos a cultura africana e afro-brasileira conseguimos propiciar aos estudantes dialogar sobre suas opiniões e como cada um visualiza essa parcela da sociedade brasileira.

1.3.2 Corpo preto em movimento e decolonialidade como sinônimo de liberdade

Há um corpo que viveu sob a égide do chicote, que perdeu por muitos anos sua liberdade, seus direitos à vida e que até hoje luta por uma sociedade mais justa que o aceite e aceite seus costumes: danças; músicas; crenças; dialetos; etc. Para além desse corpo calejado, preso a correntes em troncos, com enxadas e cestos na cabeça, essa imagem que para os descendentes é dolorosa e ver que permanece nos livros de história, essa imagem do corpo preto causa agonia, angústia e dor na geração cujos ancestrais sofreram em busca de liberdade, em que Gomes aponta:

As raízes da ideologia racista que até hoje persiste entre nós, eram muitas – de natureza teológica, filosófica e, diversas vezes, resultado de observações pretensamente científicas, que se referiam não apenas as diferenças relacionadas à cor da pele, mas também a alguns traços anatômicos peculiares dos negros, como o formato dos olhos, da cabeça e do nariz (Gomes, 2019, p 73).

Tendo em vista que todas as distinções sobre os corpos pretos levantados no passado, permanecem nos dias de hoje, apesar da luta em prol da liberdade da prisão estereotipada imposta pela sociedade “branca”. Porquanto, para a estrutura do corpo não há padrão, varia de tamanho, cor da pele, cabelos, pêlos, cor de olhos e formas diferentes, os homens são “iguais”.

Há que se considerar, que todo homem traz consigo suas matrizes culturais e identitárias, suas formas de ser, ver e sentir o mundo. Silva afirma:

O corpo branco, amarelo ou preto é semelhante anatomicamente, entretanto o corpo de cor preta, representou milenarmente o corpo oprimido castigado pela mão de obra escrava, o que para Gomes (2019) essa mão de obra espelhada em diferentes lugares do mundo, foi e ainda é responsável por construções faraônicas, joias de valores incalculáveis cravejadas de pedras preciosas retiradas muitas vezes de garimpos clandestinos para confecção de joias da realeza europeia.

O corpo preto tem particularidades na história e na cultura pela trajetória de vida de seus antepassados, do ponto de vista educacional a Arte/Dança tende a ser um facilitador que promove a aprendizagem e a memória através do diálogo corporal e até mesmo para a comunidade em que a escola está fisicamente inserida.

A prática da dança para entendimento e disseminação de uma cultura específica, é relevante, pois o estudante conhecerá suas origens e a história de seus ancestrais. A sociedade ganha em valores, respeito e reconhecimento de uma cultura que, segundo M. Freire (2001) se revela através da arte, de experiências e valores significativos para o desenvolvimento da história. Deste modo ao se ter uma lei que determine o estudo da história e da cultura de um povo que compõe a formação do povo brasileiro e permite que a dança dinamize as formas de aprendizagem, principalmente forje no indivíduo um espírito crítico reflexivo que o faça entender a maneira que um indivíduo se porta diante do outro, seguindo esse processo, no qual Marques aponta:

A escola pode, sim, dar parâmetros para sistematização e apropriação crítica, consciente e transformadora dos conteúdos específicos da dança e, portanto, da sociedade. A escola teria, assim, o papel não de reproduzir, mas de instrumentalizar e de construir conhecimento em/através da dança³ com seus alunos(as), pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social (Marques, 1997, p. 23).

Incentivar a prática da dança afro-brasileira e personalizá-la requer percorrer o entendimento de origem das danças afro-brasileira e dos primeiros “personagens” a sinalizar o questionamento do corpo preto. Em que se pesa a necessidade desse corpo ser recurso divulgador da cultura, da língua e dos saberes capazes de reafirmar seu espaço diante da sociedade contemporânea.

Ao termos crianças que cresçam em um ambiente de autoafirmação ou que se tenha referências positivas sobre a sua ancestralidade, se tornam pessoas seguras de si, onde reafirmação de pertencimento se torna algo mais forte, podendo contribuir para uma sociedade

evoluída. Mas se acontece ao contrário de tudo isso exposto, tudo se torna um tanto mais difícil como aponta Andrade:

Para apoiar a metodologia, recorri ao conceito de memória como o órgão que armazena as experiências positivas e negativas e “que formam o patrimônio cultural de cada pessoa” (DISTANTE, 1988, p. 88). A memória, vinda das experiências com a escola, a igreja, os meios de comunicação, com as expressões orais – piadas, música, anedotas, vaias etc. – mantém em evidência uma clara referência ao passado escravo vivido pela ancestralidade negra no Brasil. Pergunto: que orgulho tem a criança negra quando busca na memória a história do seu povo? Qual o papel do seu povo na história do Brasil? Como a família que coleciona a mesma memória administra as inquietações – ou o silêncio – dessa criança? É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. (Andrade, 2005, p 120)

Dessa forma, reafirmo que o autoconhecimento da identidade enraizada na genética ancestral reafirma esse lugar de direito, e conseqüentemente dá realce a dança como um grande portal de acesso, visto que a dança por si, carrega a essência da ancestralidade. A necessidade e o reconhecimento indistintamente de cor, raça ou credo é destaque nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004):

Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros. (Brasil, 2004, p. 11-12).

Sendo assim, o movimentar do corpo na escola viabiliza a aproximação do conhecimento interior do estudante, seja ele amarelo, branco, preto, indígena ou pardo, cada indivíduo vai internalizar a dança ou um tema debatido através da dança de maneira diferente acessando sua ancestralidade e a busca por respeito. Mas essa ligação de diálogo entre corpo, mente e ancestralidade só pode ser acessada a partir do momento em que é promovido esse diálogo, em vista que:

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das

religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (Brasil, 2004, p. 12).

Sendo assim, concluímos que ao movimentar o corpo buscando acesso à ancestralidade e história de seus antepassados é ao mesmo tempo, buscar a liberdade primeiramente dentro de si mesmo, aceitando seus traços, a cor de sua pele e não tendo vergonha por toda imagem desenhada pela sociedade escravocrata, e conseqüentemente lutando e verbalizando sobre a liberdade de serem aceitos como realmente são, sem ter que mudar seu físico para encaixar em um estereótipo perfeito imposto pela sociedade.

1.4 CORPO, ARTE E LINGUAGEM DA DANÇA NA ESCOLA

Abordaremos neste tópico a forma como a dança está presente na construção do corpo existente na escola e suas percepções sobre si próprio e a sociedade como todo.

O corpo se faz presente no ambiente escolar no qual cada um tem sua particularidade, desta forma podendo dialogar quando é instigado. Segundo Pinto (2015) a dança possui seu próprio diálogo e este transversaliza as diferentes ciências, entretanto ainda não está perfilada como área de conhecimento. As formas de abordar os conteúdos de dança se limitam ao ballet, estilo de dança que segue a corrente tecnicista, com balizas para o dançarino estudante que por sua vez, convive com as exigências que limitam cada passo que dá no espaço escolar.

Sendo assim, esse corpo que se constrói dentro da escola não vivencia a dança de maneira crítica com ênfase na construção de identidades e muito menos entenderá que a dança não é apenas uma movimentação de corpo banal sem troca alguma no que diz respeito ao seu desenvolvimento, tendo em vista que para Gaio & Rocha:

No desenvolvimento humano podemos considerar a escola como o espaço que possibilita trocas e aprendizados que constroem e fortalecem os conhecimentos que fazem parte da sociedade, na qual o sujeito se insere. É nesse espaço que culturas e significados são reafirmados e novos saberes são produzidos, criando e recriando novos comportamentos, hábitos e práticas. Na escola o ser humano amplia suas habilidades, ensina sobre seus conhecimentos, consolida princípios e acrescenta diariamente novas informações que dão alicerce a sua cultura. (Gaio & Rocha, 2021, p. 75)

Em suma, uma vez que se potencializa essa troca de informações no qual Gaio & Rocha (2021) abordam, o estudante passa a absorver melhor informações relacionadas ao pertencimento cultural, entrar em diálogos e assuntos que norteiam a sociedade podem ser transversalizados através da dança. No qual Delors (2000) *apud* Scarpato (2001, p. 60) afirma:

“Cabe à escola levar a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. O aprendizado da dança deve integrar o conhecimento intelectual e criatividade do aluno, desenvolvendo os pilares da educação”.

A percepção do estudante sobre dança gera um sentimento de posse, não de valores, ao ser trabalhada em formato de dinâmicas, acaba por criar uma ligação com o ambiente, alarga a vivência, as experiências e o seu ‘eu’. No formato atual, ao questionarmos os estudantes sobre o que aprendeu dos conteúdos de dança, não saberia expressar seu entendimento ou esboçava que não há criatividade e que é apenas dança, o que ratifica a ideia de que a dança é apenas diversão. “Ela acaba por servir como adereço do evento e se, em alguns casos, ela não conseguir animar o público ao final de sua ‘performance’, entende-se que ela não conseguiu atingir seu objetivo” (Pinto, 2015, p. 29).

Outra situação peculiar quanto a prática da arte na escola é o uso restrito da pintura e do desenho, a expressão corporal da criança pouco se vê. A expressão do estudante ganha espaço nas aulas de educação física e recreio, nele muitas vezes os movimentos corporais espontâneos são cerceados em detrimento de professores que mantêm um método didático antiquado e de gestores que encontram no método uma forma de repreensão.

Desse modo, o estudante se depara com a falta de diálogo interno sobre a Arte/Dança, o que daria a ele liberdade de buscar novas possibilidades e vislumbrar entendimento e conhecimento de estilos da Arte/Dança existentes dentro e fora do ambiente escolar, cujo papel seria incentivar a Arte e fortalecer expressão criativa a partir da prática da dança como incentivadora do ensino-aprendizagem, no qual Marques pontua:

{...} a dança é uma rede de relações. O signo é tudo aquilo que quer dizer alguma coisa para alguém a palavra “mesa”, por exemplo, é um signo. Os signos produzem diferentes significados, pois cada ser humano atribui ao signo um ou mais sentidos além do sentido convencional. Por exemplo, no que se refere à palavra “mesa”, a depender do momento histórico e da sociedade, há variantes de sentido. (Marques, 2012, p. 20)

Sendo assim o movimento dançado acaba por transversalizar culturas, seja em rituais, agradecimento, reflexões, contradições, dramas, questionamentos ou contando histórias de diferentes populações. Pela dança, sociedades, as mais diversas, falam da morte, da vida, dos problemas sociais - entre eles os pessoais, entretanto as lentes epistemológicas bloqueiam a visão da escola, partindo deste ponto:

Através de nossos corpos aprendemos subliminar e inconscientemente (caso não tenhamos aprendido a ter uma postura crítica diante da vida) quem somos, o que queremos de nós, por que estamos neste mundo e como devemos nos comportar diante

de suas demandas. Conceitos e regras sobre gênero, raça, etnia, classe social etc. estão/são incorporados durante nosso processo de ensino-aprendizado sem que muitas vezes nos demos conta daquilo que estamos construindo ou até mesmo (re)produzindo. (Marques, 1997, p. 23)

Diante disto, culturalmente a dança faz esta ligação entre passado e presente, como dito anteriormente, a dança deve ser mais explorada pelos docentes de Arte que atuam nos diferentes segmentos de ensino público e privado. A ideia de Paulo Freire sobre o ensino bancário ainda sobrevive no século XXI de forma efervescente. Os estudantes em determinadas instituições de ensino, são doutrinados com ideias que os colocam como objetos receptores, sem debater e sem dialogar.

Precisa desconstruir esse modo operante que foi criado, vivemos em uma era em que tudo está em constante e rápida mudança, e nos questionamos o porquê de o ensino ainda viver de forma mecanizada, congelada no modelo tradicional. É primordial que o docente possa usar o potencial criativo dos(das) estudantes para envolvê-los e estimulá-los fisicamente, psicologicamente e socialmente, forjando em cada um espírito crítico reflexivo exigido pelo sistema social atual, sendo a linguagem da dança uma metodologia criativa e ativa, visto que para Luchesi:

Nas metodologias ativas, o professor atua como facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Suas funções são as de provocar, construir, compreender e refletir, junto com o aluno, para orientar, direcionar e transformar a sua realidade. O aluno, em contrapartida, é o centro do processo, deve ter uma postura ativa, trabalhar com a autoaprendizagem, curiosidade, pesquisa e tomada de decisões, bem como gozar de autonomia e reflexão para que desenvolva uma atitude crítica e construtiva que o prepare à prática profissional. [...]. O processo de aprendizagem se dá a partir da problematização da realidade, ao relacionar a teoria à prática e ao objetivar a articulação do contexto social, com isso, visando à aproximação com a vida real e à observação, que, por conseguinte, permitem a comparação e a reflexão. Também é fundamental o trabalho em equipe para interação constante dos alunos, discussão, trocas de experiência e desenvolvimento da capacidade de argumentação. (Luchesi, 2022, p. 15)

Assim sendo, a dança é uma das formas mais claras do homem se expressar, seja em formato de crítica ou contestação, utilizando os movimentos que se originam no consciente e chegam ao corpo. A dança pode fazer o indivíduo rir, chorar, ter medo, refletir ou simplesmente emudecer, tudo através das movimentações do corpo. O corpo se relaciona com o espaço e o meio, para Strazzacappa (2001) o corpo é a forma pela qual nos comunicamos com o mundo, o diálogo desse corpo com o ambiente pode ser retratado em movimentos, ou simplesmente pela estática.

Esta modalidade de Arte passou e passa por transformações para atuar em um corpo contido em uma mente que comanda ações que expressam os movimentos da dança em um corpo fluido, que conta com os membros, o suficiente para expor cada situação social ou da anatomia humana, para Strazzacapa:

A introdução de atividades corporais artísticas na escola, ou seja, a realização de trabalhos de dança-educativa ou dança-expressiva, como são comumente chamadas (embora não goste muito destes nomes, afinal, toda dança é educativa e expressiva), tem mudado significativamente as atitudes de crianças e professores na escola. (Strazzacapa, 2001, p. 71)

Deste modo, o lugar apropriado para que ações dessa natureza aconteçam é o espaço escolar, sendo este, segundo estudiosos do tema como Ribeiro (2018), representa simbólica e fisicamente a porta onde ocorre o primeiro contato do indivíduo fora do ambiente familiar. Na escola a criança tem um despertar curioso ao mesmo tempo, age seguindo regras, o que corrobora Strazzacappa (2001), ao afirmar que neste ambiente ocorrem questões ordinárias e extraordinárias muitas das vezes com limites, a começar pela existência de quatro paredes, imposição de silêncio, posições estáticas e cabisbaixas.

Ao propor um trabalho corporal com um grupo de estudantes da educação básica, o professor não está formando um bailarino profissional, mas está dando a ele possibilidades de conhecer-se e conectar-se ao meio com aqueles que o rodeiam. O corpo que chega na escola pré-moldada conviverá com situações já explicitadas, segundo Holzer e Caldas (2016) se torna uma construção cultural que reflete o meio em que aquele está inserido.

A vivência desse corpo quando se fala dele, no ambiente escolar, refletirá uma espécie de individualidade e muitas vezes passa despercebido tanto dos colegas quanto do professor, visto que os óculos academicista encobrem as diferenças, fazendo com este uniformize a sala de aula, ou seja, que todos atuem igualmente.

Esquece que o ambiente escolar não é uma competição de companhias de dança em ascensão, o educador deve pensar na diversidade, nas diferentes formas de expressão de cada corpo, o que facilitaria a entrega do estudante cujo empenho sobrepuja muitas vezes as “ordenanças” do educador, que age coercitivamente cerceando o direito de novas experiências a partir da Arte/Dança para abordar diversos assunto.

A contraponto, a dança na escola ainda é inviabilizada pelo fato de os próprios docentes ainda terem a visão de que não serve para projetar informações que viabilizam o ensino-aprendizagem, no qual existe para Marques:

{...} pré-conceito talvez ainda venha em relação à própria arte e ao artista na sociedade. Arte ainda é em muitos casos sinônimo de excentricidade, de loucura. Uma dança que não seja codificada (como o ballet, o flamenco, uma dança folclórica), para os desavisados, está relacionada à "suruba", à uma quase libertinagem, à irracionalidade. Atrelado a isto, está o senso comum sobre a relação "corpo-eu" que traz a ideia de que, através da expressão corporal, todos os segredos, traumas, perversões e manchas negras de nossas vidas seriam obrigatória e incondicionalmente desnudados. Ou seja, a ideia equivocada de que trabalhar com o corpo artisticamente significa abrir os porões do inconsciente sem a menor possibilidade de controle/domínio da consciência, como se a arte fosse somente um "grito da alma". (Marques, 1997, p. 22)

Sendo assim, se faz necessário uma formação continuada, adequada para que o professor ensine Arte/Dança antevendo um meio de aperfeiçoar suas práticas pedagógicas de forma interdisciplinar envolvendo as demais áreas do conhecimento, pois o que seria prazeroso para o estudante acaba se tornando repressor. Conforme Holzer e Caldas (2016) o compromisso do educador é dar ao estudante, novas perspectivas utilizando os movimentos do corpo, deste modo alargam as experiências próprias da idade.

As leis que fundamentam esta pesquisa, nos alertam que o objetivo é falar historicamente de dois povos, de suas culturas e do corpo desses indivíduos que contribuíram para a formação de uma sociedade que por muito tempo os hostilizou mantendo-os na escravização. Há uma ênfase dada pela lei que deve ser abordada, pois trata da contribuição dos povos africanos e afro-brasileiros na formação da sociedade brasileira, assim também como a cultura originária se mantém em suas práticas cotidianas após serem arrancados de forma brutal de suas famílias e comunidades.

O Brasil apesar das leis que vigoram e expressam o direito à igualdade e a equidade do cidadão, ainda existem pessoas que agem de forma ríspida diante das diferenças, expressando uma espécie de racismo, negando a miscigenação brasileira, deste modo:

Na escola, esses contextos sociais podem ser considerados como situações em que é possível reconhecer a dança em suas mais variadas formas de expressão, as quais atendem a funções sociais específicas. Mas a escola tem também seus próprios objetivos com relação à dança. É função da escola contribuir para ampliar a compreensão do aluno sobre o ato de dançar, uma vez que, além do aprendizado do gesto dançante, ele aprenderá, também, a apreciar os vários repertórios da dança, a conhecer seus diversos significados sociais e a discutir a dança como forma de expressão artística em diversas culturas, inclusive no contexto social em que ele vive. (Marques, 2012, p. 11)

Assim a dança tem como contexto dar ao estudante o entendimento sobre as formas que o corpo assume enquanto instrumento de diálogos e movimentos. Deste modo, “A Dança se constitui como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicadas no movimento dançado” (BNCC, 2019 p.193).

Sendo assim, “É nesta perspectiva da diversidade e da multiplicidade de propostas e ações que caracterizam o mundo contemporâneo que seria interessante lançarmos um olhar mais crítico sobre a dança na escola. A transmissão de conhecimento hoje, como sabemos, não se restringe mais às suas quatro paredes”. (Marques, 1997, p. 20)

Concluimos assim que a dança acaba por trazer aos estudantes formas mais acessíveis de entendimento, o fazendo o centro de todo processo de ensino-aprendizagem e não apenas receptor de informações, potencializa o entendimento do seu corpo como artifício que disseminaram seu entendimento sobre temáticas que constroem suas opiniões sobre a sociedade.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo descreveremos todo processo que constitui o percurso metodológico ao que diz respeito sobre o delineamento da pesquisa, os participantes, instrumentalização das técnicas ou instrumentos para a coleta e análise de dados, tendo como base no pensamento teórico de Minayo (2002).

2.1 Delineamento da Pesquisa

A classificação da pesquisa se enquadra como básica, em que segundo Prodanov & Freitas (2013) gera conhecimento útil para o avanço da ciência, sem tampouco apresentar aplicação prática, ou seja, não houve retorno ao campo.

Quanto à forma de abordar os objetivos, pesquisa de caráter exploratório-descritivo. Exploratória, pois possibilita uma visão mais acurada sobre o assunto abordando, facilitando assim sua definição, delineamento e delimitação da pesquisa, dispondo de um planejamento flexível Prodanov & Freitas (2013).

Também adotamos uma perspectiva descritiva e visamos descrever a observação com base na movimentação do corpo do estudante, a perspectiva dos estudantes a partir do seu entendimento sobre a cultura afro-brasileira e a dança como método de diálogo. Para Gil (2002, p. 42), esse tipo de pesquisa tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Na pesquisa descritiva a circunscrição de características de uma população, fenômeno ou relações, envolvem a coleta de dados como procedimento a partir do uso de entrevistas semiestruturadas e observação.

Quanto a abordagem, refere-se a uma pesquisa qualitativa, deste modo define-se qualitativa por “...aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas...” (Minayo, 2002, p. 33), desta mesma forma é defendido por Prodanov & Freitas (2013) que a abordagem qualitativa aponta a relação entre o mundo real e o sujeito, assim também como o objetivo e a subjetividade do campo, não representando em números.

No que se refere ao método a pesquisa é dedutiva, pois esta pesquisa procura confirmar tais alegações, sendo assim “O raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 29).

2.2 Histórico do campo e sujeito

O local da pesquisa foi a Escola Estadual Belarmino Marreiro localizada na Zona Norte de Manaus, sendo assim a definimos como pesquisa de campo, de acordo com PRODANOV e FREITAS (2013) pois tem como ponto de partida coletar informações sobre determinado problema na procura de resposta sobre ele. Já para Minayo (2002) a pesquisa de campo também consiste no levantamento de dados bibliográficos e institucionais.

A escola é situada em área habitacional com moradores de classe média baixa, na teoria a escola segue padrões de ensino militar, mas que no decorrer da pesquisa de campo observou-se que não acontece na prática.

2.3 Instrumentos para coleta de dados

Os instrumentos utilizados foram classificados tiveram concordância de Triviños (1987) assim como a aplicação da triangulação para melhor compreender as anotações realizadas no campo junto aos sujeitos, atores sociais da pesquisa. Foram aplicadas entrevistas livres aos que responderam à questão apresentada com base nas leis e diretrizes aqui discutidas.

Inicialmente contactamos com a direção da escola em posse da carta de apresentação solicitando que a pesquisa fosse realizada na instituição de ensino assim como a . Com a permissão do pedagogo da instituição foi feito um levantamento dos alunos que estariam disponíveis a participar da pesquisa, para inicial a coleta de dados.

Para a coleta de dados da pesquisa inicialmente foi solicitado sendo usada duas modalidades: a Análise de Conteúdo e Análise do Discurso, em concordância com Triviños (1987) pois está técnica se divide entre o arcabouço literário e dos discursos, centrados nos fatos que circundam o diálogo estabelecido entre sujeitos e pesquisador o qual tem responsabilidade sobre os processos gerados de acordo com a alicerce socioeconômico e cultural em que se encontra o sujeito, ator social da pesquisa.

A análise de dados foi desenvolvida de forma triangular e descritiva cujo enfoque de acordo com Prodanov & Freitas (2013) é expor as características de uma população ou fenômeno. O foco essencial da análise reside no desejo de conhecer a operacionalização das Leis que norteiam os direitos dos povos africanos e afro-brasileiros a partir da prática da Arte/Dança, os traços característicos, suas aceitações, preconceito, discriminação e a realidade escolar pautada na prática dos professores e no corpo de estudantes sobretudo de pele preta, para compreender a interseção da cultura afro-brasileira no Ensino Fundamental II.

3 SISTEMATIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo expomos os dados coletados conforme a pesquisa de campo, discussão das análises. Tendo como intuito explicar como a análise foi realizada conforme a observação, sendo dividido em análise curricular da instituição de ensino e a utilização da lei sob a perspectiva do professor; identificação da cultura afro-brasileira a partir do ponto de vista do estudante; análise de entrevista com base nas respostas dos estudantes e professor.

3.1 INTERLOCUTORES DA PESQUISA

Sendo a pesquisa realizada na Escola Estadual Belarmino Marreiro, iniciamos a escolha dos sujeitos identificando um número exequível para atender as questões relativas aos objetivos específicos. Selecionamos entre a turma de quarenta estudantes, sete como interlocutores.

Foram entrevistados 7 (sete) estudantes, sendo 4 mulheres e 3 homens do 8º ano do ensino fundamental II, e aplicamos a entrevista ao professor de Arte.

Houve aceitação unânime do grupo e todos(as) afirmaram seu desejo de participar da pesquisa por meio da assinatura o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (modelo nos apêndices) e responderem pelo menos 90% da entrevista, ficando excluídos do processo aqueles(as) que não cumpriram os critérios de inclusão, restando os sete citados anteriormente.

Por questões de ética, relacionadas ao sigilo necessário, na discussão e análise dos dados omitimos o nome dos entrevistados como forma de manter resguardadas suas identidades, adotando nomes fictícios.

Seguindo a linha, classificaremos os participantes com codinomes utilizando o nome de personalidades afro-brasileiras de grande relevância cujo nomes são:

1-Ruth de Souza, foi a primeira artista negra a conquistar projeção na dramaturgia brasileira;

2-Hemetério Jose, foi primeiro professor negro do Instituto da Educação;

3-Enedina Alves Marques, foi a primeira mulher e primeira negra a se diplomar em engenharia civil no Brasil;

4-Juliano Moreira, foi médico negro que fundou a psiquiatria no Brasil;

5-Elisa Lucinda, poetisa, jornalista, escritora cantora e atriz brasileira;

6-Luiz Gonzaga Pinto da Gama, foi advogado abolicionista, orador, jornalista e escritor brasileiro, patrono da abolição no Brasil;

7-Mercedes Baptista, foi a primeira bailarina negra no Brasil;

8-Professor

3.2 ANÁLISE DOCUMENTAL CURRICULAR

Um dos objetivos da pesquisa era analisar o PPC da instituição para entendermos de que forma ocorre a sistematização, fundamentação e organização do conhecimento curricular, metodologias entre outros, correspondendo especificamente a área de conhecimento Arte, e como está relacionado o cumprimento da lei 11.645/08 na área de conhecimento citada anteriormente, quais as metodologias adotadas para abordagem da linguagem dança no que diz respeito a cultura africana e principalmente afro-brasileira.

Porém, infelizmente não conseguimos ter acesso, pois segundo a direção pedagógica da escola o mesmo estava em construção, sendo assim falaremos neste tópico conforme as percepções da entrevista semiestruturada realizada com o professor de Arte e estudantes, e observação de campo.

A Proposta Pedagógica Curricular como já exposto, é a estrutura pedagógica e metodológica em que a escola se baseará ao decorrer do ano letivo, a partir disso, deve abranger as leis e documentos base que regem a educação básica brasileira. Para Ribeiro Alves (2013) o currículo escolar desempenha um papel de acentuada importância também para na construção de identidades individuais e sociais na estrutura escolar e para além dela.

A partir deste ponto, observamos que o professor como agente mediador em sala de aula entende sobre a necessidade de abordar temáticas relacionadas com a dança, porém observamos que os estudantes entrevistados não tinham conhecimento no que diz respeito a relação dança/cultura, para Gaio/Rocha (2021) a escola tem possibilidades de construir e fortalecer a sociedade criando e recriando comportamentos, hábitos e práticas.

É importante entender que esse fortalecimento da sociedade não depende apenas da questão econômica, mas também sobre entendimento de pertencimento daqueles que a integram. Como já exposto, a partir do momento que se entende sua história, sua origem ancestral, a identificação da cor de sua pele sem ter vergonha do que seus antepassados passaram por conta dela, passamos a enxergar a luta por liberdade e direitos que foram negados.

Entendimento que seu lugar na sociedade não tem que depender da sua cor ou pela imposição de outros, é entender o processo de pertencimento, em que Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana reafirma que a quebra da narrativa de que as pessoas pretas não atingem o mesmo nível intelectual de pessoas que não são pretas.

E se não trabalharmos essa potencialização do pertencimento dentro da escola continuaremos vendo falas como da estudante de codinome Mercedes Baptista quando perguntada sobre suas percepções relacionadas a igualdade racial no âmbito da sociedade; *“Na minha opinião não, porque é mais normal ver pessoas brancas no poder”*.

Mediante o exposto, podemos perceber que o estereótipo de subalternização do corpo preto ainda continua sendo visualizado na sociedade, o que é pior, dentro da escola, o que diante disso faz com que nos perguntemos o que está sendo feito para quebrar esses muros criados pelo preconceito.

E mais ainda de que maneira está sendo organizado metodologias e ações para quebrar paradigmas impostos pelo preconceito velado, devemos potencializar atos dentro da instituição educacional e para além dela.

Com base nisso entende-se que o processo de *decolonização* através da dança no ambiente escolar ainda não está em prática, cabe a gestão escolar, pedagógica e corpo docente potencializar essa abordagem e não deixar apenas para o dia da consciência negra, pois é todo dia que devemos potencializar esse processo de conscientização, pertencimento, igualdade e respeito.

3.3 SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR

3.3.1 Visibilidade no que assegura a lei 11.645/08 no ambiente escolar

Como já exposto no que refere a lei 11.645/08 se faz a obrigatoriedade de no conteúdo escolar ter a abordagem na área de educação artística da cultura africana, afro-brasileira e indígena e as contribuições desses povos na construção da sociedade brasileira.

Conforme a abordagem acima foi questionado ao professor entrevistado se no âmbito escolar conseguiu visualizar a aplicação da lei, detivemos a seguintes respostas:

Resposta do professor: *“Sim, atualmente é possível incluir os temas de muitas formas , a inclusão das culturas e tradições por meio da arte podem ser feitas por meio das pinturas , danças, músicas e demais formas de artes. É de extrema importância que as culturas locais sejam passadas para futuras gerações, apesar de termos pouco tempo em sala e temos muitos assuntos para serem trabalhados”*.

Com base na resposta obtida acima, vemos que ainda se deve potencializar essa abordagem de temas referente ao conhecimento da cultura afro-brasileira, africana além da indígena assegurada por lei, no qual considera ser temas transversais, conforme abordado no

PCN de 1998. Reafirmamos que essa ação torna os (as) estudantes conhecedores de uma parte da história que não foi contada, no qual também o PCN de 1998 diz que a abordagem desses assuntos tende a superar a discriminação e exclusão social.

3.3.2 Especificidades da dança e cultura afro-brasileira no material didático

O material didático como sabemos é um dos mecanismos usados pelos docentes como guia e apoio ao processo de ensino -aprendizagem, diante disso perguntamos ao docente seu ponto de vista sobre aprofundamento do material didático correspondendo a dança e cultura afro-brasileira, seguimos para resposta:

Resposta: *“Não. A grande maioria dos matérias são superficiais e cabe ao professor buscar meios de aprofundar o assunto em sala de aula, sobre a dança tem pouquíssima coisa”*

Concluimos que importância de se ter esse material didático que aborda profundamente acarreta valorização e potencialização do fazer dança, seja ela abordada como as danças de matrizes africanas ou correlacionando a dança a outros assuntos determinantes para debates, no qual PCN de Arte de 1998 enfatiza os conteúdos específicos devem ser divididos em três: dançar, apreciação da dança e as dimensões sociopolíticas e culturais da dança.

3.3.3 Dança como método de diálogo

Debateremos neste tópico de que maneira a dança se torna uma metodologia de diálogo, quais adversidades são enfrentadas pelo professor e se ele faz ser possível o uso desta linguagem.

A escola como abordamos inúmeras vezes é a porta de aprendizagem para construção de uma sociedade como, as formas de abordagem de assuntos cabem a metodologia programadas e construídas pela escola e o corpo docente seguindo as regras no que regem as leis sobre educação básica brasileira. A forma em que a dança é abordada na escola sobre assuntos de grande relevância para sociedade ainda é limitada, seja pela falta de espaço ou até mesmo a não abordagem do docente. O que para Strazzacappa (2001) a dança na escola acarreta mudança do professor e dos estudantes.

Ao perguntamos ao professor de que maneira ele faz presente a dança em sua sala de aula obtivemos a seguinte resposta:

Resposta: *“O ensino da dança se torna difícil em sala de aula , muitas vezes por falta de espaço e tempo, mas é possível usar o próprio ambiente de sala como estímulo para movimentações e compreensão do corpo naquele espaço”*.

Podemos observar na fala do entrevistado que até agora é enfrentada dificuldades na prática da dança no ambiente escolar, o professor tende a trabalhar com os instrumentos que tem, mas mesmo assim existe essa carência. Os (as) estudantes acabam por ver a dança como algo sem relevância em seu aprendizado, ou somente uma “dancinha” para obter pontuação, no qual Strazzacappa (2001) pontua ser uma moeda de troca.

Ao questionarmos o docente sobre se ele acredita que a dança é uma técnica de diálogo, obtivemos a seguinte resposta:

Resposta: *Sim. A dança é uma ferramenta eficaz no combate ao preconceito por meio da informação e aprendizado.*

Conforme a resposta obtida nos certificamos que a dança tem suas especificidades relacionadas a atenção do aluno pode se dizer que além de uma linguagem obrigatória pode se considerar uma metodologia ativa, em que se faz o aluno ser o centro do ensino-aprendizagem em que se refere Diesel; Baldez; Martins, 2017 apud Luchesi; Oliveira; Santos.

Deste modo, concluímos que a dança como método de debate sobre assuntos que norteiam a sociedade ainda não é recurso usado nas salas de aula, muitas vezes pelo fato do docente se ver inviabilizado no que diz respeito aos recursos indisponíveis, a dificuldade de tirar o planejamento do papel se torna presente.

3.4 O CONHECIMENTO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DA DANÇA E CORPO SOB A PERSPECTIVA DO ALUNO

Neste tópico faremos análise de dados com base em anotações sobre observação de campo relacionada a aulas práticas realizadas na instituição com os estudantes e entrevista. Para as aulas foi elaborado um plano de aula seguindo a lei *11.645/2008*, BNCC e PCN de Arte de 1998. No plano de aula consta a quantidade de semanas e dias em que foram realizadas as aulas, assim como os objetivos que correspondem com os objetivos específicos da pesquisa, seguindo de objetos de conhecimento e habilidades de acordo com a BNCC, a metodologias divididas em cinco etapas, e as metas traçadas para o final das aulas.

Durante as aulas de dança foi abordado o samba de roda como dispositivo de diálogo e conhecimento sobre as culturas afro-brasileira, as aulas contaram com aprofundamento histórico e aulas práticas de movimentação corpórea. É importante enfatizar que a pesquisa não é voltada para o samba de roda, mas sim para a dança como método de conhecimento e lugar de fala sobre o pertencimento.

Durante o processo de coleta de dados, foi perceptível a mudança de comportamento dos estudantes do primeiro dia para o último dia. No primeiro dia que nos apresentamos foi perguntado sobre como se autodeclarava e todos os estudantes ficaram com vergonha de falar sobre a cor de sua pele, até o terceiro dia percebeu-se que os estudantes estavam retraídos, pois ao final de cada aula era perguntado sobre o que estavam entendendo e alguns tinham vergonha em falar.

A partir do quarto dia em diante ao começarem a entender historicamente e movimentar o corpo conforme as bases do samba de roda, os estudantes começaram a dialogar com os assuntos que os incomodavam no que diz respeito a cor de sua pele relacionando com a história, a religião e até mesmo discutir sobre o estereótipo de corpo e outras coisas impostos pela branquitude.

Esse entendimento sobre perfeição vem do ato de preconceito mascarado de “querer bem” a partir da visão do outro, porém, inviabiliza a visão da pessoa sobre se, nos torna incapazes de se ver sem se importar com o que pensam, o que também nos remete aos acontecimentos do ato de colonização em que inviabilizaram a capacidade intelectual da pessoa preta, no qual até os dias de hoje ainda está enraizado na sociedade, além de mesmo que digam que há mudanças não se tem na história abordada na escola exemplos de pessoas pretas no qual tiveram grandes feitos para construção da sociedade brasileira.

Em que nós pessoas pretas vemos apenas corpos pretos sendo subalternizados, e esses estudantes continuam hoje tendo as mesmas percepções que se tinha no passado. No último dia ao perguntar novamente para cada estudante como se autodeclarava foi perceptível a convicção de cada resposta, ligamos isso a memória gerada, em que segundo Andrade:

Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade. É tentar refazer a história individual na história coletiva então desprovida, na maioria das vezes, de referências encobertas na memória. Positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negras. (Andrade, 2005, p. 120)

Deste modo destaca-se e reafirma que dança sendo uma linguagem na qual podemos considerar que faz parte de uma metodologia ativa reverberando experiência ancestral que consequentemente atinge processo de pertencimento a determinada cultura. Seguindo esse ponto, abordaremos a seguir a entrevista realizada com estudantes:

3.4.1 Levantamento de autoidentidade racial e Percurso histórico étnico racial brasileiro

Para iniciarmos a análise das respostas sobre conhecimento da cultura afro-brasileira através da dança questionamos os(as) entrevistados(as) sobre sua autoidentidade racial e se tinham consciência da miscigenação que se tem no Brasil decorrente da mistura de vários povos. Ao abordarmos as respostas de cada entrevistado, precisamos entender o que é a autodeclaração racial que de acordo com uma lei do Distrito Federal de 2 de maio de 2018 foi sancionado o decreto com base na lei de número 39024/2018, em decorrência disso o senado federal criou um Manual Quesito Cor/Raça Etnia do Senado Federal, no qual fala que:

Autodeclaração é o processo individual de uma pessoa se incluir em determinadas categorias sociopolíticas. Esse processo acontece por necessidade de pertencimento a um grupo seja para demonstrar respeito a tradições/ancestralidade, seja simplesmente para se afirmar como membro desse grupo ou por necessidades políticas, quando alguém deseja expressar suas convicções político-ideológicas, por exemplo (Senado Federal, 2023 p. 7)

Seguindo esse ponto, foi perguntado a cada entrevistado como se autodeclarava:

A entrevistada de codinome Ruth De Souza se autodeclara pardo; a entrevistada de codinome Mercedes Baptista se autodeclara preta; o entrevistado de codinome Hemetério José dos Santos se autodeclara pardo; a entrevistada de codinome Enedina Alves Marques se autodeclara parda; o entrevistado de codinome Juliano Moreira se autodeclara preto; o

entrevistado Luiz Gonzaga Pinto da Gama se autodeclara preto; a entrevistada de codinome Elisa Lucinda se autodeclara preta; a entrevistada de codinome Mercedes Baptista se autodeclara preta.

Durante essa primeira pergunta o que me chamou atenção foi o fato de alguns dos estudantes entrevistados não terem total certeza em suas respostas relacionadas à cor da pele. Para que eu obtivesse a resposta para o questionamento feito tive de explicar o que seria a autodeclaração. O que me diz ser muito simbólico e significativo o fato de uma pessoa saber se autodescrever referente a cor de sua pele, que conseqüentemente sem perceber acaba falando muito também do meio em que está vivendo, da sociedade e a forma de consciência sobre si.

Sobre a miscigenação oriunda da mistura de diversos povos, entre eles, europeus, ocidentais, africanos e indígenas, todos os entrevistados responderam ter esse conhecimento.

Mediante o exposto se faz presente esta reflexão sobre a importância de tal diálogo como sinaliza Castro (2018) no livro *Epistemologias e Caminhos da Crítica Sociológica Latino-americana*, em que diante das conjecturas das Ciências Sociais por mais que haja diferentes pontos de vistas, categorias-chave na construção de problematizações no que diz respeito ao sujeito, partindo do que a importância de se entender sobre o seu lugar social de fala, cultural, étnico, econômico e político faça ter seu próprio entendimento sobre si próprio, sobre o outro e sobre a vida social.

3.4.2 Identificação da pluralidade cultural em sala de aula e igualdade racial dentro sociedade

Sobre a identificação da diversidade em sala de aula e a igualdade racial na sociedade, o que para Ribeiro (2018) "... é por meio da interculturalidade, as diferentes categorias de conhecimentos criam uma relação de igualdade, de diálogo, sincronismo, respeito e legitimidade mútua."

Acerca deste assunto no texto de Diretrizes Curriculares Nacionais das Relações Étnicas Raciais, reafirma que o entendimento sobre como a sociedade é formada baseando no pertencimento das pessoas a grupos étnicos raciais, e a igualdade básica como sujeito de direito. Sigamos para as respostas dos entrevistados sobre o entendimento em pauta da pluralidade na sala de aula e igualdade racial dentro da sociedade:

A entrevistada de codinome Ruth De Souza respondeu que "*sim, consigo ver a diversidade na minha sala*". Sobre igualdade racial respondeu que "*Não é igual, mas deveria ser a sociedade que trata os indígenas, pretos ou até asiáticos de forma racista. Alguns não tratam, mas a maioria sim*".

O estudante entrevistado, codinome Hemetério José sobre a diversidade respondeu que “*Sim, tem pessoas de pele branca e pele preta, no caso em uma sala de aula existem várias culturas*”. Sobre igualdade racial dentro da sociedade disse “*Em algumas situações pessoas pretas sofrem racismo, então não acho que seja igual, pois são tratados com indiferença*”.

A entrevistada de codinome Enedina Alves M. sobre a diversidade em sala de aula respondeu “*Sim pois no Brasil há várias pessoas misturadas, então dentro da sala de aula existe essa diversidade*”. Sobre a igualdade racial na sociedade respondeu que “*Na minha opinião nas atividades políticas tem aquela desigualdade por pessoas preconceituosas*”.

A entrevistada de codinome Elisa Lucinda sobre a diversidade em sala de aula respondeu: “*Sim, na minha sala tem pessoas de outros países e culturas diferentes*”. Sobre a igualdade racial na sociedade respondeu que “*Não, as pessoas têm muito preconceito umas com as outras*”.

O entrevistado de codinome Luiz Gonzaga P. G. sobre a diversidade em sala de aula respondeu “*sim, consigo ver*”. Sobre a igualdade racial na sociedade respondeu que “*Não, eu acho que as pessoas brancas não pensam como a gente porque os pretos que sofreram mais, e eu acho que é diferente*”.

A entrevistada de codinome Mercedes Baptista sobre a diversidade em sala de aula respondeu “*Sim, na minha sala existe pessoas de várias cores*”. Sobre a igualdade racial na sociedade respondeu que “*Na minha opinião não, porque é mais normal ver pessoas brancas no poder*”.

Com base nas respostas obtidas sobre a pluralidade em sala de aula, é notável que todos os(as) entrevistados(as) conseguem ver essa diversidade em suas respectivas salas de aula. Apesar de notarmos que ainda estão no processo de formação de suas opiniões, já é clara essa percepção no que diz respeito ao distanciamento de igualdade entre as diferentes raças que formam a sociedade brasileira.

Portanto, de acordo com as respostas concluímos ao abrirmos essa temática, se tem uma via de mão dupla em que o estudante não se torna apenas o receptor, mas sim aquele que reproduz e dialoga sobre determinadas ações de respectivos grupos na sociedade, tendo em vista o que a autora Rego (2020) refere-se que o sujeito em questão parte do “não-ser” para “vir-a-ser” baseando-se no seu entendimento e passando a ser o propagar.

3.4.3 Discriminação e seus reflexos dentro do ambiente escolar

Neste tópico abordaremos de que maneira se torna evidente para os(as) estudantes no que diz respeito a vivenciar o preconceito, tanto consigo mesmo quanto ao seu redor. A vistas das respostas obtidas nos depoimentos absorvemos claramente as afirmações e posicionamentos sobre o assunto abordado nas principais respostas.

Relacionado ao questionamento feito, a consciência sobre a múltiplas cores e culturas que compõem a sociedade inclusive no ambiente escolar, a lei 11.645/08 nos afirma que potencializar esse conhecimento das amplas cultura e etnias que formaram o Brasil, tende a diminuir os atos de preconceito.

Com base nisso foi questionado aos estudantes sobre ter sofrido ou presenciado atos de preconceito por conta da cor. Ao observar o comportamento corporal no ato da pergunta foi perceptível o desconforto de alguns dos(as) entrevistados, seguimos para respostas:

A entrevistada de codinome Ruth De Souza respondeu: *“Eu já, e meus amigos também sofrem”*.

A entrevistada de codinome Enedina Alves M. respondeu: *“Sim, e já vi várias brincadeiras de mal gosto com pessoas de pele preta”*.

O entrevistado de codinome Juliano Moreira respondeu: *“ Não sei explicar por que no meu país não sofria, e aqui em Manaus colegas me dão apelidos’*.

A entrevistada de codinome Elisa Lucinda respondeu: *“Sim, eu já presenciei e já aconteceu comigo, sofri bullying por ser gorda e já presenciei um amigo sofrer bullying por ser preto”*.

O entrevistado de codinome Luiz Gonzaga P. G. respondeu: *“Sim, muitas vezes colegas já fizeram comigo, e eu não ligo, mas às vezes dói lá fundo”*.

A entrevistada de codinome Mercedes Baptista respondeu: *“Sim, por eu ser preta muitos colegas fazem bullying, e falam da minha cor do meu cabelo e até da minha roupa, e já vi colegas passarem por isso também”*.

Como exposto anteriormente, durante a entrevista foi nítido o desconforto de alguns estudantes no que diz respeito a ter sofrido ou presenciado atos de preconceito correspondentes a cor, cabelo e outros aspectos. Concluímos assim que a presença de diálogos e atividades relacionadas ao combate ao preconceito ainda é pouco existente no âmbito escolar o que para Goularte & Melo (2013) a escola é o principal espaço para mediar , ensinar e aprender sobre as diversidades existentes no Brasil.

3.4.4 Conhecimento da cultura afro-brasileira através da Arte/Dança no ambiente escolar.

Antes de iniciarmos este tópico precisamos abordar o que é cultura e de que maneira se origina a cultura afro-brasileira, na qual a história que sabemos a vinda dos escravos africanos, dos europeus e os indígenas que já estavam em seu lugar de origem. O brasileiro se tornou um povo com a mistura de diversas culturas. Além disso, buscamos entendimentos sobre o assunto nas principais falas dos(as) entrevistados. Assim sendo

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movida por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos. (Santos, 2009, p.07)

Partindo desse ponto podemos enfatizar que cultura se faz a partir do modo em que essa humanidade citada por Santos (2009) acaba por se dividir se tornando e buscando formas de fazer sua existência presente, além de manter e prevalecer e suas particularidades. O que nos faz ligar a cultura afro-brasileira a isso, que a partir do momento que essas misturas de povos citadas acima com os povos africanos que foram obrigados a fincar raízes em solo brasileiro, acabou por criar e acrescentar informações a uma cultura carregada consigo, e tornando o Brasil rico culturalmente, conforme sendo para Marques, Sá e Souza:

A cultura afro-brasileira, entendida como a influência das africanidades na cultura brasileira e manifestação artístico-cultural dos afrodescendentes, foi o que durante e depois do período de escravidão aproximou os negros da luta por uma liberdade integral enquanto seres humanos e sujeitos de direitos e deveres. Na história do Brasil, elementos da cultura afro-brasileira são às vezes colocados como cultura brasileira. No entanto, quando se busca compreender essas influências em sua essência, percebem-se claramente os fortes traços da cultura africana em nossa terra. (Marques, Sá e Souza, 2001, p. 13).

Mediante exposição se foi perguntado aos estudantes se através da Arte/Dança ou outras linguagens da Arte puderam conhecer a cultura afro-brasileira ou se já presenciaram ou participaram de apresentações referentes a mesma:

A entrevistada de codinome Ruth De Souza respondeu: “ *Conheci agora, depois que a tia falou do samba de roda*”, referente se já assistiu ou participou de alguma apresentação de cultura afro-brasileira a resposta foi: “*não*”.

O entrevistado de codinome Hemetério José S. respondeu: “ *Sei que podemos conhecer através do teatro da música e da dança, mais aqui na escola ainda não vi*”, referente se já

assistiu ou participou de alguma apresentação de cultura afro-brasileira a resposta foi: “*Sim, já participei de capoeira, mas fora da escola e foi muito bom pra mim*”.

Ao observar as respostas é perceptível que o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira dos estudantes ainda é limitado. Mas dentre as respostas obtidas a estudante com codinome Mercedes Baptista inconscientemente acabou por trazer uma reflexão em suas respostas em decorrência de como ver a pessoa preta em manifestações artísticas e como se sente.

Mercedes Baptista :

“Ainda não vi nessa escola, mas na música, pelo samba, atores de novelas, e quase todos os atores negros fazem papel de empregados ou pessoas pobres e isso me incomoda muito, não sei dizer porque”.

A partir dessa resposta vale refletir sobre como o corpo preto historicamente é visto até agora, e mesmo sem saber explicar ela consegue observar a diferença de como a imagem do corpo preto ainda é exposta na sociedade, no livro *Decolonialidade e Sociologia na América Latina* Queiroz/Gomes (2021) fazem apontamentos a partir do pensamento maxistas de Clóvis Gomes, em que ele ressalta esse corpo preto objetificado, e a idealização que ainda se tem sobre esse corpo não ter inteligência o suficiente no estereótipo criado pela branquitude.

Quando questionada se já assistiu ou participou de alguma apresentação de cultura afro-brasileira a resposta foi: “*Sim, já fiz apresentações de samba em outra escola e de capoeira, quando era criança, e foi uma experiência muito boa, porque o professor explicou pra gente a história dos negros e como eles se divertiam*”.

Concluimos assim que a abordagem da cultura afro-brasileira no ambiente escolar tornasse o processo de *decolonialidade*, mas claro perante a sociedade, é fortalecer a visão de si próprio embasado na luta autoafirmação de um corpo presente na sociedade, o que para Marques (1997) a escola tem como papel de sistematizar e fomentar senso crítico dos estudantes.

3.4.5 Dança como diálogo corporal a partir do Samba raiz

Neste tópico abordaremos o relato dos entrevistados sobre a utilização do corpo para diálogo com base no conhecimento e ancestralidade cultural, ressaltando o entendimento sobre as principais respostas.

Antes de abordarmos as respostas dos entrevistados ressaltamos novamente que a ênfase da pesquisa não está em contar sobre o samba de roda, mas sim sobre a importância de saber da existência de uma cultura afro-brasileira através da dança, reafirmando a existência de um orgulho ancestral. Seguindo esse ponto, perguntamos aos entrevistados se já conheciam o samba raiz, e como foi a experiência com base na vivência obtida:

A entrevistada de codinome Ruth De Souza respondeu que: *“Conhecia só o da escola de samba, foi boa as aulas e educativa e emocionante que a professora colocou um vídeo dos idosos falando como era importante o samba de roda pra eles”*.

O entrevistado de codinome Hemetério José S. respondeu: *“Conhecia mais ou menos e conhecer mais sobre o samba foi interessante”*.

A entrevistada de codinome Enedina Alves M. respondeu que: *“Não conhecia, por isso foi uma experiência mágica para mim e parecia que eu já sabia dançar isso”*.

O entrevistado de codinome Juliano Moreira respondeu que: *“Não conhecia, mas achei muito legal aprender sobre essa dança, foi legal saber de onde veio até chegar aqui no Brasil”*.

A entrevistada de codinome Elisa Lucinda respondeu: *“Não, eu não conhecia e amei a experiência foi muito legal”*.

O entrevistado de codinome Luiz Gonzaga P. G. respondeu: *“Não conhecia, mas depois que tive essa experiência gostei bastante, me senti diferente, não sei explicar”*.

A entrevistada de codinome Mercedes Baptista respondeu: *“Eu conhecia esse samba, mas não sabia o que era o samba de raiz, pra mim o samba era só o das escolas que toca no carnaval, mas foi legal aprender dançar”*.

Concluimos assim que a importância de conhecer a cultura até mesmo para entendermos a formação da sociedade brasileira, procurando entender na história não apenas o sofrimento e dor, ao ponto de se envergonhar, mas sim entender os caminhos em que a cultura afro-brasileira deve percorrer para chegar à onde a história nos conta hoje, e que temos como base a Lei 11,645 fomentando esse processo de autoconhecimento ancestral através da Arte como área de conhecimento e sua contribuição para sociedade, como cita o Art. 26 A.

Validando assim o posicionamento no futuro sobre pertencimento, sobre entender como afrodescendente podemos nos impor sobre estereótipo tido como perfeito, que detém de inteligência, enquanto o preto é sempre ligado a conceitos de inferioridade, conforme Marques, Sá E Souza (2015) aborda “sobre entender e reconhecer a importância sociocultural do povo africano no que diz respeito à formação da identidade dos afro-brasileiros e em sua própria autovalorização”.

3.4.6 A importância do conhecimento da cultura afro-brasileira através da Arte/Dança no ambiente escolar e para sociedade.

Para análise deste tópico abordaremos as respostas de cada entrevistado acerca da importância do ponto de vista de cada um sobre o assunto abordado e como a Arte/Dança facilita esse processo.

A entrevistada de codinome Ruth De Souza respondeu: “*É importante porque devemos conhecer a cultura dos nossos antepassados, até mesmo para defendê-los*”, em resposta da importância para sociedade de aprender a cultura afro-brasileira através da dança, respondeu: “*É importante porque o Brasil é um país com várias culturas, e leva esse assunto pra dentro da escola ajuda diminuir o racismo*”

O entrevistado de codinome Hemetério José S. respondeu: “*A importância de conhecer essa cultura através da arte é que se torna mais fácil de entender*”, em resposta à importância para sociedade de aprender a cultura afro-brasileira através da dança: “*Seria bom que todos conhecessem a cultura afro-brasileira como ensinamento, pois é importante conhecer várias culturas*”

Seguindo a resposta do entrevistado acima nos faz discorrer novamente quais métodos acerca da dança estão sendo abordados nas escolas, no que diz respeito a utilização da dança como linguagem da área de conhecimento que é a Arte conforme exposto na BNCC, em que destaca o dinamismo da dança enquanto forma de diálogo para entendimento do estudante enquanto sua ligação corpo e mundo.

A entrevistada de codinome Enedina Alves M. respondeu: “*A importância de conhecer a cultura afro-brasileira e aprender a defender e respeitar*”, em resposta à importância para sociedade de aprender a cultura afro-brasileira através da dança: “*É que conhecendo não haverá mais desigualdade*”.

O entrevistado de codinome Juliano Moreira respondeu: “*Eu acho que experimentar coisas novas é bom para aprender sobre a cultura e a dança*”, em resposta à importância para sociedade de aprender a cultura afro-brasileira através da dança: “*Acho que pode melhorar o conhecimento dos alunos na escola*”.

A entrevistada de codinome Elisa Lucinda respondeu: “*É muito importante*”, em resposta à importância para sociedade de aprender a cultura afro-brasileira através da dança: “*É muito importante pois as pessoas aprendem muito*”.

O entrevistado de codinome Luiz Gonzaga P. G. respondeu: “*Sim, eu acho importante porque nem todo mundo se importa com isso*”, em resposta à importância para sociedade de aprender a cultura afro-brasileira através da dança: “*Eu acho que deve estudar muito sobre esse assunto*”.

A entrevistada de codinome Mercedes Baptista respondeu: “*É importante conhecer a cultura dos negros porque na escola a gente só sabe a história da escravidão e não a parte bonita desse povo.*”, em resposta à importância para sociedade de aprender a cultura afro-brasileira através da dança: “*.Sim, porque assim não existiria tanto racismo no nosso meio*”

Desta maneira evidencia a necessidade, como já abordado, de trabalhar a dança para além de entretenimento, pois ela por si só consegue fugir da educação tradicionalista em que o estudante é apenas receptor de informações em vez de um indivíduo que pode formar opiniões e entra em debates sobre assuntos que circundam a sociedade.

Sendo assim concluiu-se a necessidade de abordar assuntos determinantes para formação do estudante usando a dança como medida que ele tenta entender seu lugar na sociedade, entender seu lugar de fala e, em simultâneo, ter de lidar com variadas situações como, por exemplo, mudança em seu corpo, talvez conflitos familiares ou até mesmo questionamentos sobre seu futuro. Para Gaio & Rocha (2021) O espaço escolar influencia na formação e preparação do ser humano para sociedade intelectualmente e culturalmente.

3.4.7 A Arte/Dança como método de decolonização a partir do ambiente escolar.

A priori no que diz respeito a sociedade brasileira em processo de *decolonização* destaca-se qual caminho que está sendo percorrido para tal feito. Quais as práticas que a sociedade como agente de ações para igualdade racial vem sendo utilizada e se está clara a *decolonialidade* no ambiente escolar no que diz respeito do estudante enquanto transmissor de ações e formador de opiniões?

A *descolonização*, como já explicado, tende a ser um processo que desprende o corpo preto atrelados a imposições da ação colonial, Reis & Andrade (2018) ressalta que é legitimação da sua autonomia sociocultural. Seguindo esse pensamento abordaremos a seguir as respostas dos(as) estudantes entrevistados correspondendo a opinião dos mesmos referentes a importância da Arte como mecanismo para o conhecimento da cultura africana e afro-brasileira e diminuição da discriminação para desigualdade étnica racial e social:

A entrevistada de codinome Ruth De Souza respondeu: *“Sim pois mostra a cultura dos antepassados”*, sobre a dança como mecanismo de atos discriminatórios na sociedade a resposta foi: *“Sim, conhecer cultura afro pela dança é divertido e pode evitar pessoas com pensamentos pequenos falar bobagem por aí”*.

O entrevistado de codinome Hemetério José S. respondeu: *“Pode sim e já deveria ser utilizada”*, sobre a dança como mecanismo de atos discriminatórios na sociedade a resposta foi: *“ Na minha opinião pode sim ser instrumento para diminuir a desigualdade que não deveria nem existir”*.

A entrevistada de codinome Enedina Alves M. respondeu: *“Sim, pois é mais uma forma de conhecer a cultura”*, sobre a dança como ferramenta de atos discriminatórios na sociedade a resposta foi: *“Sim, pois como falei diminui a desigualdade quando já se conhece a cultura”*

O entrevistado de codinome Juliano Moreira respondeu: *“Acho que seria legal ter, porque nessas aulas de samba de roda que a professora passou, ela falou de algumas coisas que não sabia como os significados das tranças que mulheres pretas usavam na época da escravidão”*, sobre a dança como mecanismo de atos discriminatórios na sociedade a resposta foi: *“pode até fazer com que acabe a desigualdade, é uma forma legal de aprender”*.

A entrevistada de codinome Elisa Lucinda respondeu: *“Sim pode ser utilizado”*, sobre a dança como mecanismo de atos discriminatórios na sociedade a resposta foi: *“ Sim, talvez desse jeito as pessoas parem de ser preconceituosas”*.

A entrevistada de codinome Mercedes Baptista respondeu: *“Acho que sim, consegui presta mais atenção nas informações”*, sobre a dança como mecanismo de atos discriminatórios na sociedade a resposta foi: *“Sim, eu aprendi com um professor que quando a gente tem conhecimento a gente fica rico, e assim a gente mostra para os outros que ter conhecimento faz a gente não ter preconceito com as pessoas”*

Portanto, através de todas as respostas concluímos que a dança como linguagem redigida no PCN de Arte, pode sim, ser um facilitador de diálogos referentes a temas importantíssimos para formação da sociedade na totalidade, pois a dança desempenha além do processo criativo

dará mais aportes e transformações do corpo, dança e sociedade. Seguindo o pensamento da pesquisa, o diálogo com o corpo faz acessar essa memória ancestral, no qual Strazzacappa (2001) refere sobre o diálogo do corpo ser a forma corpo nos faz comunicarmos com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação por trás desta pesquisa teve como ponto de partida lacunas abertas em minhas vivências ainda no ambiente escolar, em que a vergonha por conta da cor da pele sempre estava presente, pois a única imagem visualizada dos meus semelhantes em livros era de um corpo preto sendo violentado, sendo o empregado e nunca o patrão, as “brincadeiras” feitas em relação ao cabelo, que era um cabelo ruim, cabelo de “bombril” e outras coisas mais e às vezes chamada de macaca, faziam com que tentasse ser como eles, no qual ser igual uma pessoa branca diminuiria as comparações e apelidos.

Sendo assim, nesta pesquisa apresentamos a dança como mecanismo de diálogo para a identificação e valorização da cultura afro-brasileira, autoconhecimento, igualdade racial, identificação do pertencimento além da luta contra o preconceito, se trabalhou a percepção do processo de descolonização do ambiente escolar na rede pública de Manaus, no qual se abriu diálogos através da dança para que os estudantes pudessem pontuar seus pontos de vistas.

Os temas levantados neste trabalho expõem respostas das entrevistas realizadas com estudantes e professor, diálogo sobre o entendimento dos estudantes relacionado ao conhecimento da cultura afro-brasileira através da dança, além da visão do professor sobre como o entendimento no que tange a lei 11.645/2008 no ambiente escolar, além de analisar todas as respostas e baseado no referencial utilizado conforme autores(as) como Prodanov & Freitas (2013), Triviños (1987), Minayo, 2002 e Gil (2002).

Assim, o objetivo final desta pesquisa foi trazer a perspectiva de cada estudante sobre como está sendo exposto para eles a cultura afro-brasileira através da dança e de que maneira agrega em autoconhecimento relacionado a ancestralidade. No qual pode verificar que não está clara a prática da *decolonialidade* e o conhecimento histórico/cultural não se faz presente dentro da escola.

Durante a pesquisa os encontros com os estudantes que se dispuseram a participar era perceptível que a dança estava os instigando a se abrir ao diálogo tanto verbal quanto não verbal assim como o processo de socialização e pertencimento. Ficou claro que quando se entende sobre a raiz do seu ancestralismo fica fácil defender causas que precisam ser vistas e revistas pela sociedade.

Neste sentido, os questionamentos e objetivos que guiaram esta pesquisa nos levam a acreditar que do ângulo científico ela poderá contribuir para que outras indagações sejam

abertas em prol da igualdade, salientando que a Lei *11.645/2008* continua sem sair do papel. Acrescentando-se que toda e qualquer vivência no âmbito escolar podem ser vistas como propagadoras de informação para além do muro da escola e contribuindo na construção de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de – **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei 11.645 de dez de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece que estabelecimentos de ensino fundamental e ensino médio, público e privado a obrigatoriedade da temática: “História da Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, Brasil, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/111645.htm

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm .

BRASIL. PCN de ARTES- **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental Arte, Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC / SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf> Acesso em: 24 de nov. 2021.

BRASIL. PCN - **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental Arte, Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana-** Brasília | DF | Outubro | 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional nº 9.394**, Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm, Acesso em: 31 de set. 2021

CASTRO, Edna- **Epistemologia e Caminhos da Crítica Sociológica latino-americano – Decolonialidade e Sociologia na América Latina-** Belém: NAEA :UFPA, 2018.

CANEDO, Daniele. **CULTURA É O QUÊ?” - REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA E A ATUAÇÃO DOS PODERES PÚBLICOS- V ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009-Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf> - Acesso em: 20 de dez. 2023

GAIO, Roberta & ROCHA, Paloma T. F. – **DANÇA NA ESCOLA- Reflexões e Ações Pedagógicas**. – 1.ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

GOULARTE, Raquel da Silva & MELO Karoline Rodrigues de - **A lei 11.645/08 e a sua abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental** - Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 33--- 54, jul./dez. 2013

PIERSON, D. **Branços e pretos na Bahia (estudo de contacto racial)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

SILVA, Ferreira Denise da. **A dívida impagável**. São Paulo: 2019.

FREIRE, Ida Mara. **Dança-Educação: O Corpo no Espaço do Conhecimento**. Cadernos Cedes - Dança-Educação, ano XXI, n. 53,2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/DCrTySKB3KpC9knsrTg7Drf/abstract/?lang=pt> Acesso em: 24 de nov. 2021.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até morte de Zumbi dos Palmares**. Editora Globo Livros v. 1, 2019.

HAESBAERT, Rogério - **Território e descolonialidade : sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina** - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021.

HOLZER, Denise Cristina; CALDAS, Felipe Rodrigo. **Ensino da Dança na Escola: Possíveis espaços para sua prática**, Revista Rupert, v.15, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/7643> Acesso em: 4 de dez. 2021

LUCHESSI, Bruna Moretti; LARA,Ellys Marina de Oliveira; DOS SANTOS, Mariana Alvina: **Guia Prático de Introdução às Metodologias Ativas de Aprendizagem**, Editora UFMS, Campo Grande- MS, 2022.

MARQUES, Isabel A.- **Artigo Dançando na Escola**. MOTRIZ, v.3 n. 1, 1997. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n1/artigo3.pdf> Acesso em: 16 de nov. 2021.

MAEQUES, Isabel- **Dança na Escola: Arte e Ensino**. Ano XXII- Boletim 2- Abril 2012. Disponível em: <http://www.ficms.com.br/web/biblioteca/Dan%E7a%20na%20Escola.pdf> – Acesso em 13 dez. 2023.

MARQUES, Leonardo de Souza; SÁ, Michele Aparecida e SOUZA, Oziel. **A Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Perspectiva da Lei 10.639/03 e Suas Respektivas Diretrizes Curriculares**, Revista Formação Docente, Belo Horizonte v.7 n. 2, 2015.

MESQUITA, Otoni; CORDEIRO, Karen. **Um fragmento da arte produzida na Amazônia**. Editora da UEA, Manaus: 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Métodos e Criatividade**. Editora Vozes, 21° ed. Petrópolis, 2002.

PINTO, Amanda da Silva. **Dança Como Area de Conhecimento**. Editora Travessia 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Editora Feevale, 2º ed. Novo Hamburgo, 2013.

PROENÇA, Graça - **História da Arte** – Editora Atica, 1990

REGO, Noelia Rodrigues Pereira- Educação popular e decolonialidade: pedagogia de resistência em Abaya Yala/ Noelia Rodrigues Pereira Rego.- Ponta Grossa, PR: Monstros Morais, 2020

REIS, Maurício de Novais, ANDRADE, Marcilea Freitas Ferras de – **O Pensamento Decolonial: análise, desafios e perspectivas** – Revista Espaço Acadêmico -n. 202- Março/ 2018.

SANTOS, José Luiz dos Santos. **O que é Cultura**. Editora Brasiliense, 16º ed. Reimpressão 2009.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança Educativa: Um Fato em Escolas De São Paulo, Cadernos Cedes- Dança-Educação, ano XXI, n. 53,2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/dM3dPnh8K5wG4ZVrdCVfxhb/abstract/?lang=pt> Acesso em: 24 de nov. 2021.

STRAZZACAPPA, Marcia- **A Educação e a Fábrica de Corpos: A dança na escola, Cadernos Cedes-** Dança-Educação, ano XXI, n. 53,2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv/?lang=pt> Acesso em: 24 de nov. 2021.

SILVA, Marilza Oliveira da- **Danças Indígenas e Afro-brasileiras** / Marilza Oliveira. - Salvador: UFBA, Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2018. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430190/2/eBook_Dan%C3%A7as_Ind%C3%A1genas_e_Afrobrasileiras_UFBA.pdf - Acesso em : 31 de jan. 2024

SENADO FEDERAL - **Manual Quesito Cor/Raça Etnia do Senado Federal** - Mesa Diretora Biênio 2023/2024 - Disponível em : <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/642501> - Acesso em: 12 de jan. 2024

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora Atlas S. A.1987.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Novas bases para o ensino da história da África no Brasil**. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Carta de Apresentação

Prezado(a) Senhor(a)

Manaus, 17 de novembro de 2023

Venho por meio desta, apresentar o(a) acadêmico(a) Carla de Assunção Malcher do Curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas, matrícula nº 1514010023 que vem desenvolvendo a pesquisa de graduação intitulada EPISTEMOLOGIA DA LEI 11.645/2008: CORPO, DANÇA E DECOLONIALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL II sob a orientação do(a) professor(a) Profa. Dra. Ma. Do P. Socorro Nóbrega Ribeiro para a realização de pesquisa de campo com o intuito de obter informações necessárias para o desenvolvimento do seu trabalho monográfico, o qual visa conhecer o currículo de arte do 8º ano e a linguagem do corpo sob a perspectiva da Decolonialidade subscrito na Lei 11.645 em que aborda a cultura afro-brasileira no âmbito escolar, aplicação do samba raiz como estratégia para estímulo do corpo e ferramenta de expressividade.

Nesse sentido, pedimos a V.Sa. a colaboração para que o(a) acadêmico(a) venha desenvolver um trabalho prático com os alunos de 8º ano, do turno matutino, acerca da abordagem da cultura afro-brasileira no âmbito escolar, e ao final do trabalho desenvolvido será aplicado aos alunos um questionário com intuito de se obter um feedback referente ao processo realizado junto ao aluno. Segue em anexo o Plano de Aula e o Questionário.

Certo de contar com a colaboração dessa importante Instituição de Ensino, agradeço antecipadamente pela atenção e coloco-me à disposição para outros esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

Orientador(a)

Coordenador(a) Pedagógico(a) do Curso de Dança – ESAT/UEA

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

O (a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar deste estudo intitulado, **“EPISTEMOLOGIA DA LEI 11.645/2008: CORPO, DANÇA E DECOLONIALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL II”** porque tem o perfil e preenche os critérios para, na condição de sujeito, possa participar desta pesquisa. Esclarecemos que sujeito da pesquisa é a expressão dada a todo ser humano que, de livre e espontânea vontade e após ser devidamente esclarecido, concorda em participar de investigações científicas fornecendo informações. Os sujeitos serão entrevistados e informados através de contatos pessoais pela própria pesquisadora das datas e horários, assim como dos locais com comodidade e segurança e de comum acordo com o entrevistado para a coleta das informações.

O (a) Sr. (a) será submetido (a) por um mês, tendo duas aulas na semana com aulas teórica/prática. As aulas abordaram sobre: O samba raiz e sua descendência como ferramenta de diálogo sobre a cultura afro-brasileira. Além das aulas, ao final do processo será aplicado uma entrevista semiestruturado com o objetivo de fornecer informações para o melhor entendimento do assunto em questão, podendo ter retorno ao campo pelo pesquisador para aplicação de entrevista sobre compreensão detalhada de questões pendentes, e terá toda autonomia para participar ou não na pesquisa, também, terá liberdade integral para se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. Tanto sua pessoa quanto os dados fornecidos serão mantidos sob absoluta confidencialidade e, portanto, ninguém mais terá conhecimento sobre sua participação.

Vale esclarecer que esta pesquisa não apresenta risco de qualquer natureza para a qualidade de vida dos sujeitos investigados. Informamos também que sua decisão de participar do estudo não está de maneira alguma associada a qualquer tipo de recompensa financeira ou em outra espécie.

Esclarecemos que o(a) Sr.(a) receberá uma cópia deste documento e de outros que se fizerem necessários para que as informações estejam sempre à mão, outrossim deixo aqui meu endereço e meus contatos para que a qualquer momento que necessitem de orientação ou informação sobre o preenchimento deste.

Para quaisquer informações, fica disponibilizado também o endereço da Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, na Av. Leonardo Malcher nº 1728, Praça 14 de janeiro, Cep 69010-170, Manaus-Am, que funciona de 2ª a 6ª Feira, das 14h às 21hs

Pesquisadora: Carla de Assunção Malcher

Endereço: Rua João Bosco Burnier, nº 17, Zumbi 2

E-mail: cam.dan@uea.edu.br

Telefone: (92) 9-9320-4339

APÊNDICE C – TERMO DE ACEITE

Eu, _____, li, tomei conhecimento, entendi os aspectos da pesquisa e, voluntariamente, concordo em participar do estudo, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, fornecendo as informações disponibilizadas na entrevista sem que nada haja de ser reclamado a título de direitos a minha imagem e som de minha voz. Estou ciente de que não vou haverá remuneração, e que posso a qualquer momento que achar pertinente. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Vimos através destas pedir aos pais ou responsáveis do(a) menor _____ a liberação para participar da pesquisa deste estudo intitulado, **“EPISTEMOLOGIA DA LEI 11.645/2008: CORPO, DANÇA E DECOLONIALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL II”** porque tem o perfil e preenche os critérios para, na condição de sujeito, possa participar desta pesquisa. Esclarecemos que sujeito da pesquisa é a expressão dada a todo ser humano que, de livre e espontânea vontade e após ser devidamente esclarecido, concorda em participar de investigações científicas fornecendo informações. Os sujeitos serão entrevistados e informados através de contatos pessoais pela própria pesquisadora das datas e horários, assim como dos locais com comodidade e segurança e de comum acordo com o entrevistado para a coleta das informações.

O (a) Sr. (a) será submetido (a) por um mês, tendo duas aulas na semana com aulas teórica/prática. As aulas abordaram sobre: O samba raiz e sua descendência como ferramenta de diálogo sobre a cultura afro-brasileira. Além das aulas, ao final do processo será aplicado uma entrevista semiestruturado com o objetivo de fornecer informações para o melhor entendimento do assunto em questão, podendo ter retorno ao campo pelo pesquisador para aplicação de entrevista sobre compreensão detalhada de questões pendentes, e terá toda autonomia para participar ou não na pesquisa, também, terá liberdade integral para se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. Tanto sua pessoa quanto os dados fornecidos serão mantidos sob absoluta confidencialidade e, portanto, ninguém mais terá conhecimento sobre sua participação.

Vale esclarecer que esta pesquisa não apresenta risco de qualquer natureza para a qualidade de vida dos sujeitos investigados. Informamos também que sua decisão de participar do estudo não está de maneira alguma associada a qualquer tipo de recompensa financeira ou em outra espécie.

Esclarecemos que o(a) Sr.(a) receberá uma cópia deste documento e de outros que se fizerem necessários para que as informações estejam sempre à mão, outrossim deixo aqui meu endereço e meus contatos para que a qualquer momento que necessitem de orientação ou informação sobre o preenchimento deste.

Para quaisquer informações, fica disponibilizado também o endereço da Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, na Av. Leonardo Malcher nº 1728, Praça 14 de janeiro, Cep 69010-170, Manaus-Am, que funciona de 2ª a 6ª Feira, das 14h às 21hs

Pesquisadora: Carla de Assunção Malcher

Endereço: Rua João Bosco Burnier, nº 17, Zumbi 2

E-mail: cam.dan@uea.edu.br

Telefone: (92) 9-9320-4339

Data: ___/___/___

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE E - ROTEIRO ENTREVISTA COM PROFESSOR

I Parte: Dados obrigatórios

II Parte

Pergunta 1

Como docente atuante em sala de aula você visualiza a aplicação no âmbito escolar da lei 11.645/08 na qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira e indígena?

Pergunta 2

Sobre o material didático, em seu ponto de vista esse material aprofunda minuciosamente informações históricas e artísticas sobre a dança que corresponde à cultura afro-brasileira ?

Pergunta 3

De que maneira a linguagem da dança é usada como ferramenta de diálogo em sua sala de aula?

Pergunta 4

Como docente atuante você acredita que a linguagem da dança pode ser ferramenta de diálogo para que os estudantes se sintam pertencentes a uma determinada cultura ou mesmo não pertencentes, possam diminuir as ações de preconceito entre eles mesmos ?

Os sujeitos ficavam livres para responder.

APÊNDICE F – PLANO DE AULA

Plano de aula
8º ano
Acadêmica: Carla de Assunção Malcher
Orientador (a): Profa. Dra. Ma. do P. Socorro Nóbrega Ribeiro
Tema : A dança afro-brasileira
Conteúdo: O samba raiz e sua descendência como ferramenta de diálogo sobre a cultura afro-brasileira.
Tempo estimado : 2 semanas Aulas: 5 (quatro) aulas de 45 min na semana Turno: Manhã [X] Tarde []
Data de início: 27/11 a 8/12
Objetivos: Definir cultura afro-brasileira nos conteúdos de aula do 8º ano; debater sobre a prática de pertencimento entre cultura; formar agentes multiplicadores da prática de pertencimento.
<p>Objeto de conhecimento: Contextos e práticas Elementos de Linguagem Processo de Criação</p> <p>Habilidade: (EF69AR09) Pesquisar e analisar diferentes formas de expressão, representação e encenação da dança, reconhecendo e apreciando composições de dança de artistas e grupos brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas. (EF69AR10) Explorar elementos constitutivos do movimento cotidiano e do movimento dançado, abordando, criticamente, o desenvolvimento das formas da dança em sua história tradicional e contemporânea. (EF69AR15) Discutir as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola e em outros contextos, problematizando estereótipos e preconceitos.</p>
Metodologias
<p>1º Etapa: Explicação e contextualização sobre o samba raiz, sua origem e suas diferenças, dos demais sambas, apresentação de instrumentos utilizados para parte musical.</p> <p>2º Etapa: Roda de conversa sobre opiniões dos estudantes da importância de conhecer a cultura afro-brasileira através da dança (samba de raiz).</p> <p>3º Etapa: Explicação prática de movimentos do samba raiz.</p> <p>4º Etapa: Aplicação de entrevista semiestruturada.</p> <p>5º Etapa: Retorno ao campo para aplicação de entrevista sobre compreensão detalhada de questões pendentes.</p>
<p>Recurso: Caixa de som Notebook</p>

Projeto
Adaptação: Apenas de ambiente disponibilizado para aula.
Metas: Ao final o estudante será capaz de: Conhecer conceitos teórico-prático da cultura afro-brasileira; compreender como se dá a prática de pertencimento entre cultura; atuar como agentes multiplicadores e divulgados da ideia de pertencimento.

APÊNDICE G – ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA ESTUDANTES

I Momento – dados obrigatórios

II Momento

1. Você se autodeclara:

- Amarelo
- Branco
- Indígena
- Pardo
- Preto

2. Você sabia que na história existem os europeus que são pessoas de pele cor branca, os indígenas e africanos que são pessoas cor de pele preta?

3. Dentro da sua sala de aula você consegue perceber essa diversidade de pessoas, cores e culturas?

4. Na sua opinião a participação dos indígenas, brancos e pretos nas atividades políticas, culturais ou educativas é igual?

5. Dentro do ambiente escolar ocorrem diversas situações desconfortáveis. Você alguma vez já presenciou ou sofreu algum tipo de ato discriminatório ?

6. A matéria de arte aborda as linguagens de arte-visuais, música, teatro e dança. Em quais dessas linguagens abordadas em salas de aula você pode conhecer a cultura afro-brasileira ou algum artista afro-brasileiro?

7. Alguma vez dentro da escola você fez ou presenciou alguma apresentação de dança abordando temas sobre a cultura afro-brasileira? Como foi essa experiência?

8. Você já conhecia o samba raiz? Para você como foi a experiência de conhecer essa dança?

9. Na sua percepção qual a importância de poder conhecer a cultura afro-brasileira através da **arte/dança**? E na sua opinião qual importância tem para sociedade brasileira conhecer a cultura afro-brasileira no ambiente escolar?

10. Na sua opinião a Arte/Dança pode ser utilizada como uma ferramenta de diálogo dentro da escola para qualquer tema ainda não discutido pela sociedade?

11. Na sua opinião o estudo da cultura afro-brasileira e indígena através da Arte/Dança pode ser um instrumento para a diminuir a desigualdade étnica racial e social?